

Bruno Gaudêncio



Foto: Demétrius Carvalho

Bruno Gaudêncio é natural de Campina Grande - PB (1985), — escritor, jornalista cultural, historiador e professor, é formado em Jornalismo e História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Publicou os seguintes livros: O Ofício de Engordar as Sombras (Poesia, 2009, Sal da Terra); Cântico Voraz do Precipício (Contos, 2011, Via Litterarum); Acaso Caos (Poemas, 2013, Ideia); Memorial da Indústria: A História da Bentonit União Nordeste (Ensaio, 2013, SESI-PB/Editora Marcone); Inventário Lírico da Rainha da Borborema: 150 anos de Poesia (Antologia Poética, 2014, A União), juntamente com José Edmilson Rodrigues; Pedro Américo em Quadrinhos (Quadrinhos, 2015, Patmos), com ilustrações de Flaw Mendes; Ariano Suassuna em Quadrinhos (Quadrinhos, 2015, Patmos) e O Silêncio Branco/O Caos Anterior ou Uma Antologia de Si (Poesia, Patuá, 2015). Signos do Efêmero: Repercussões do Modernismo em Campina Grande nas décadas de 1920 e 1930 (EDUFCG, 2015) é o seu décimo livro.

SIGNOS DO EFÊMERO

REPERCUSSÕES DO MODERNISMO EM CAMPINA GRANDE NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930

EDUFCG

O objetivo deste livro foi compreender como se deu a repercussão do modernismo em Campina Grande nas décadas de 1920 e 1930, enfatizando os principais personagens, produções literárias e órgãos impressos de divulgação. Para isso, realizamos uma longa pesquisa pela cultura impressa da época: livros, jornais, revistas, pasquins, anuários e almanaques, procurando os indícios deste modernismo, a partir de editoriais, crônicas, ensaios e principalmente poemas.

Tem poemas publicados em diversas revistas e sites culturais nacionais e internacionais, a exemplo do Correio das Artes (Paraíba), Verbo 21 (Bahia), Brasileiros (São Paulo), Acrobata (Piauí), Literatas (Moçambique), Orizont Literar Contemporan (Romênia) e Samizdat (Portugal). Entre as diversas titulações, é sócio efetivo do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG), membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG, Cadeira nº 4) e membro da Confraria Sol das Letras, de João Pessoa-PB. No âmbito público foi Membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado da Paraíba. Bruno Gaudêncio é ainda co-editor da Revista Blecaute de Literatura e Artes e consultor da área de Memória Institucional. Foi responsável por um quadro de literatura, chamado Letras paraibanas, no Programa Diversidade, da TV Itararé, filiada da TV Cultura, na Paraíba. Atua profissionalmente como professor de História da Rede Pública Estadual e da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Nos últimos anos vem participando de diversos eventos literários no Nordeste, a exemplo da Bienal do Livro do Ceará (em Fortaleza - CE), Festival Internacional de Poesia (em Recife - PE) e da Feira Nordestina do Livro (Recife-PE).

E-mail:
brunogaudencioescritor@gmail.com

EDUFCG



SIGNOS DO EFÊMERO

Repercussões do Modernismo em Campina
Grande nas décadas de 1920 e 1930

Bruno Gaudêncio

SIGNOS DO EFÊMERO

Repercussões do Modernismo em Campina
Grande nas décadas de 1920 e 1930



2015

G266s

Gaudêncio, Bruno.

Signos do efêmero : repercussões do modernismo em
Campina Grande nas décadas de 1920 e 1930 / Bruno Gaudêncio.
— Campina Grande: EDUFCG, 2015.

100 p.

ISBN: 978-85-8001-144-9

1. Modernismo - História. 2. Campina Grande. 3. Signos.
I. Título.

CDU 94:7.036(813.3)

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - EDUFCG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG

editora@ufcg.edu.br

Prof. Dr José Edílson Amorim
Reitor

Prof. Vicemário Simões
Vice-Reitor

Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves
Diretor Administrativo da Editora da UFCG

Viviana Sousa Ramos
Editoração

Yasmine Lima
Capa

CONSELHO EDITORIAL

Antônia Arisdélia Fonseca Matias Aguiar Feitosa (CFP)
Benedito Antônio Luciano (CEEI)
Consuelo Padilha Vilar (CCBS)
Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)
Janiro da Costa Rego (CTRN)
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)
Railene Hérica Carlos Rocha (CCTA)
Rogério Humberto Zeferino (CH)
Valéria Andrade (CDSA)

Para os artistas campinenses, de ontem e de hoje,
infelizmente "amaldiçoados" pelos "signos do efêmero".

“Desde o século XX, movimentos culturais relacionados ao advento de uma sensibilidade modernista vinham acontecendo em várias cidades brasileiras. Ocorre que as dinâmicas e os ritmos culturais desses lugares necessariamente não conduziam com o perfil urbano e industrial-tecnológico de São Paulo. A coexistência do arcaico e do moderno marcando distintas temporalidades era uma realidade na vida cultural brasileira.”

Mônica Pimenta Velloso, *História & Modernismo*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1: Revista *Evolução*, do Instituto Pedagógico de Campina Grande, capa com o político e escritor José Américo de Almeida. *Fonte: Revista Evolução*, nº1, agosto de 1931.

ILUSTRAÇÃO 2: *O Novenário*, um dos primeiros jornais de festa de Campina Grande. *Fonte: O Novenário*, nº1, 29 de Dezembro de 1920.

ILUSTRAÇÃO 3: Jornal de festa *O Bisturi* de Campina Grande, um dos mais irônicos de sua época. *Fonte: O Bisturi*, nº 5, 29 de Dezembro de 1936.

ILUSTRAÇÃO 4: *Fagulha*, jornal de festa com toques modernistas. *Fonte: Fagulha*, nº2, Ano I, 24 de Dezembro de 1936.

ILUSTRAÇÃO 5: Caricatura de Luis Gomes da Silva. *Fonte: Fagulha*. Ano I, nº4, 25 de Dezembro de 1936, p.4.

ILUSTRAÇÃO 6: Caricatura de Hortensio de Sousa Ribeiro. *Fonte: Fagulha*, Ano I, nº6, 27 de Dezembro de 1936, p.4.

ILUSTRAÇÃO 7: *Vitrine*, indícios modernistas num jornal de festa. *Fonte: Vitrine*, Ano I, nº1, 24 de Dezembro de 1937.

ILUSTRAÇÃO 8: Caricatura sobre a situação dos cinemas de Campina Grande na década de 1930. *Fonte: Vitrine*, Ano I, nº3, 23 de Dezembro de 1937, p.3.

ILUSTRAÇÃO 9: Caricatura de Paulo Brasil. *Fonte: Vitrine*, Ano I, nº4, 24 de Dezembro de 1937, p.3.

ILUSTRAÇÃO 10: *Era Nova*, revista pioneira no modernismo na Paraíba. *Fonte: Era Nova*, nº1, Ano, 27 de Março de 1921.

ILUSTRAÇÃO 11: *Flâmula*, jornal modernista de Campina Grande. *Fonte: Flâmula*, nº1, Ano I, 11 de Novembro de 1934.

ILUSTRAÇÃO 12: *Evolução-Jornal*, outro periódico divulgador do modernismo em Campina Grande. *Fonte: Evolução-Jornal*, Ano I, nº1, 17 de junho de 1934.

SUMÁRIO

Campina Grande e os intelectuais (anti)modernistas	
Moderno, modernidade e modernismo: o “provincianismo cosmopolita” de Campina Grande	
Pistas de uma modernidade: “os jornais de festas” entre o humor escrito e o humor gráfico	
“Os intelectuais humoristas”: Campina Grande e os seus “jornais de festas”	
Estes intensos anos 30: os jornais “fagulha” e “vitrine” nas tramas do modernismo	
A vanguarda cultural campinense: um movimento isolado?	
Tentativas de renovação cultural: o jornal “a flâmula” e a juventude modernista	
O modernismo em Campina Grande: entre adesões e resistências	
Considerações Finais	
Referências	
Fontes	

CAMPINA GRANDE E OS INTELLECTUAIS (ANTI)MODERNISTAS

Ser poeta

Ao Mauro Luna, amizade e admiração

Ser poeta é viver constantemente
Em busca da beleza e da ventura
Ser poeta é viver com amargura,
Recordando o passado eternamente.

Ser poeta é viver sempre contente,
Lutando pela musa com ternura...
Ser poeta é viver numa loucura
Fazendo versos em manhã ridente.

Ser poeta é viver abandonado,
Ser poeta é viver amargurado,
Ser poeta é viver todo esquecido...

Ser poeta é sonhar, sem ter sonhado,
É amar, mas sem nunca ser amado,
É morrer...é morrer, sem ter vivido!...¹

Iati Leal² era ainda um jovem estudante do *Instituto Pedagógico de Campina Grande*³, quando publicou o poema *Ser Poeta*, nas páginas da revista *Evolução*, organizada pelos professores Alfredo Dantas e Almeida Barreto, no ano de 1931⁴. A escolha de um soneto para expressar sua concepção de poesia não foi por acaso. Formato preferido da época entre os poetas campinenses, o soneto, era considerado até a primeira metade do século XX, o nível mais

1 LEAL, Iati. Ser poeta. *Evolução*, Ano I, nº2, Outubro de 1931, p.17.

2 Iati Leal foi um político e administrador, natural da cidade de Alagoa Nova (PB). Exerceu a função de Deputado Estadual, além disso, foi Superintendente do Serviço Social da Indústria (SESI).

3 Hoje Colégio Alfredo Dantas.

4 Revista *Evolução* foi um periódico que circulou em Campina Grande, Paraíba, durante o ano de 1931. Era ligada ao Instituto Pedagógico, uma das principais escolas privadas da cidade no período.

exato de perfeição literária⁵. Além disso, outro elemento recai para nossa avaliação: a dedicatória, pois o jovem Iati Leal destina o seu soneto ao poeta Mauro Luna⁶ (pela amizade e admiração), autor do livro *Horas de Enlevo*, exemplo de poeta parnasiano, “cultuador” de Olavo Bilac, ao ponto de possuir uma escola com este nome na década de 1920.⁷



ILUSTRAÇÃO 1: Revista *Evolução*, do Instituto Pedagógico de Campina Grande, capa com o político e escritor José Américo de Almeida. Fonte: *Revista Evolução*, nº1, agosto de 1931.

Pois bem, estamos diante de um poema que representa bem o ideário poético do início do século XX na cidade de Campina Grande

5 BARROS, Eudes. A decadência do soneto. *Era Nova*. Ano IV, nº60, abril de 1924, s/p.

6 Mauro Luna nasceu em Campina Grande, em 1897. Colaborou nos principais jornais e revistas da cidade em sua época, chegando a ser editor de alguns, a exemplo da *Renascença*, com apenas 18 anos de idade. Fundador em 1921 do Instituto Olavo Bilac. Foi professor de diversas disciplinas, como Contabilidade e Língua Portuguesa, nos principais colégios campinenses, como o PIO XI e Imaculada Conceição, além de exercer o cargo de diretor da Biblioteca Pública de Campina Grande. Autor do livro “Horas de Enlevo” (1924), primeiro livro de poemas publicado em Campina Grande. Mauro Luna, morreu em novembro de 1943, eleito membro da Academia Paraibana de Letras, porém, sem tomar posse a tempo.

7 Instituto Olavo Bilac.

de. Não por suas qualidades estéticas (rimas, ritmos), mas por sua formatação e abordagem lírica, delineado por certo romantismo. Se visualizarmos boa parte dos poemas publicados na imprensa campinense durante a primeira metade do século XX, perceberemos que a maioria terá um direcionamento para temas semelhantes ao poema de Iati Leal, como a busca pela beleza, o coro da amargura, os desencantos com o amor, a dialética vida/morte.

Este “olhar romantizado” parece ser a tônica geral da produção literária campinense durante muitas décadas, mesmo antes, na década de 1910, como bem se referiu Giscard Agra, que percebeu nos intelectuais locais, uma leitura contemplativa sobre a natureza, relacionada à pureza, a inocência e a beleza.⁸

Em consonância com a ingenuidade romântica, prevaleceu em Campina Grande um modelo de parnasianismo e simbolismo, (estilos de época que demarcaram a produção poética entre o final do século XIX e início do século XX no Brasil), principalmente a partir da década de 1920, com poetas como Mauro Luna, Anésio Leão⁹ e Murilo Buarque¹⁰, se destacando, em poemas caracterizados pela sacralidade da forma, pelo respeito às regras de versificação, pelo preciosismo rítmico e vocabular, pelas rimas raras e pela preferência por estruturas fixas, como os sonetos.

8 AGRA, Giscard Farias. *Modernidade aos goles: a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande, 1904 a 1935*. Campina Grande: EDU-FCG, 2010, p.86.

9 Anésio Leão nasceu em 24 de março de 1900 em Campina Grande. Começou seus estudos no Externato Campinense do professor Pedro Otávio, todavia não chegando a terminar o curso primário. Foi fundador do Instituto São Sebastião em 1920. Publicou dois livros: *Gritos d'alma*, de poesia, em 1935 e o livro “Aulas de Português”, em 1958. Além de poeta e professor Anésio Leão foi político, atuando como vereador em Feira de Santana-BA e Campina Grande-PB.

10 Murilo Buarque nasceu na cidade de Palmares, interior de Pernambuco, em 21 de agosto de 1903. Veio a residir em Campina Grande, cidade conhecida pelos “bons ares” da serra, em 1924, a conselho médico, pois possuía problemas respiratórios graves. Poeta conhecido na maioria dos círculos intelectuais campinenses da época foi responsável pela organização das sessões da *Academia dos Simples*. Autor de uma pequena plaquete de poemas, *Filosofia de Judas*, lançado pela Livraria Campinense em 1940. Foi telegrafista em Campina Grande e João Pessoa. Nesta última cidade faleceu.

Por outro lado, na mesma década da publicação do poema *Ser poeta*, de Ivo Leal, especificamente no ano de 1934, um grupo de jovens campinenses lançou um jornal chamado *Flâmula*, que significou, segundo as nossas pesquisas, a colaboração de Campina Grande no quadro da “revolução” modernista, iniciada no sul do Brasil na década de 1920. Estes jovens eram: José Lopes de Andrade, Antônio Moraes e José Brasil, que apoiados por outros tantos jovens utilizaram-se da imprensa para propagarem a bandeira da transformação da literatura campinense, combatendo de forma acintosa a “tradição passadista”, a chamada poesia romântica, parnasiana e simbolista e exaltando as expressões mais contemporâneas da época, como o romance regionalista e a poesia modernista e futurista.

Enquanto movimento o Modernismo internacionalmente falando acolheu o conjunto de transformações ligadas no campo das artes entre a década de 1870 e o início da Segunda Guerra, envolvendo a Europa e os Estados Unidos, criando linguagens e expressões artísticas que buscaram entender “o caos social” decorrente de uma mudança radical de referências e padrões civilizatórios. No caso específico do Brasil, o movimento modernista se instaurou nas primeiras décadas do século XX, transformando significativamente as artes nacionais, tendo como marco a *Semana de Arte Moderna*, ocorrida em fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, tendo como lideranças Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, entre outros artistas.

Movimento que alargou a concepção literária de sua época. Nas palavras de Humberto Hermenegildo de Araújo:

No que diz respeito à relação com o passado e com o presente, o movimento modernista caracterizou-se pela convivência, não sem atrito, de dois universos aparentemente distintos. O universo do passado, através da tradição literária, interferiria no processo de criação literária e também estava presente, através da

tradição cultural, no dia-a-dia da sociedade brasileira. O universo do presente, por sua vez, sofria as interferências do passado enquanto se modificava ante a modernização da literatura, da cultura e da sociedade como um todo.¹¹

Por outro lado, outros autores, a exemplo da historiadora Mônica Pimenta Velloso procuraram minimizar a amplitude da semana de arte moderna, visto como caráter inaugural e um verdadeiro “divisor de águas” na história literária local, porém percebendo que alguns traços modernistas já existiam antes mesmo dos movimentos vanguardistas da década de 1920, principalmente no Rio de Janeiro.

Assim como Mônica Pimenta Velloso compreendemos que a Semana de Arte Moderna de 1922 foi “um momento de confluência de ideias que vinham sendo esboçadas na dinâmica social”¹², sendo um resultado de um pensar filosófico já inscrito na tradição cultural brasileira e que estaria presente desde o início do século XX, através, por exemplo, dos escritos de Graça Aranha, marcados por unidades de sentido de caráter de ruptura”.¹³

Desta forma, mesmo antes do caráter inaugural do movimento modernista paulistano existiram valores inovadores nas artes brasileiras, que estavam em sintonia com a arte moderna universal, a exemplo dos chamados “intelectuais humoristas”, que graças a sua proximidade com a propaganda e a caricatura, linguagens rápidas e diretas, inseriram diversas conexões com a modernidade nas letras nacionais.¹⁴

Alguns destes valores inovadores foram os traços de humor e sátira presentes em caricaturas, característicos de vários periódicos

11 ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Uma Introdução ao estudo do Modernismo no Rio Grande do Norte*. Dissertação de Mestrado em Letras. Campinas, SP: UNICAMP, 1991, p.12.

12 VELLOSO, Mônica Pimenta. *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.25.

13 Idem.

14 VELLOSO, Mônica Pimenta, *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.75.

cos na época no Brasil, em especial as revistas ilustradas de grande circulação. No caso específico de Campina Grande, identificamos estes mesmo traços, com dimensões evidentemente menores e de maneira um tanto tímidas, em alguns jornais, principalmente os chamados *jornais de festas* ou pasquins, a exemplos de *Fagulha e Vitrine*, na década de 1930, demarcados por textos curtos e rápidos, abordagens humorísticas, que acreditamos serem compatíveis com o modernismo que já naquele momento vinha se mostrando.

Ao longo das décadas de 1920 e 1930, em diversos estados brasileiros, o modernismo se fez presente, seja enquanto movimento cultural, de inspiração paulista ou carioca, tendo repercussões inclusive em diversas cidades do “Nordeste”, sobretudo nas capitais, a exemplo de Recife (Pernambuco), Maceió (Alagoas), Salvador (Bahia), Natal (Rio Grande do Norte) e Cidade da Paraíba (Paraíba), esta última através da revista *Era Nova*, ainda na década de 1920.¹⁵

Entendemos que, assim como a capital da Paraíba, Campina Grande fez parte do cenário deste movimento cultural, a partir da década de 1930, repercutindo determinadas tendências na trajetória de mudanças literárias ocorridas no país, com a formação de grupos literários e a publicações de periódicos, que evidenciaram a literatura moderna na cidade, como o próprio jornal *Flâmula*, mesmo que de maneira tímida, descontínua e isolada, como perceberemos mais adiante neste ensaio.

Assim, compreendemos como repercussão os usos de ideias e valores em evidência usada num sentido estético. Procuramos problematizar por quais maneiras os intelectuais de Campina Gran-

15 Exemplos são os estudos: AZEVEDO, Neroaldo Pontes de, *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: UFPB; Recife: UFPE, 1996; ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. Op. Cit. 1991; FERREIRA, Monalisa Valente. *Luva de brocado e chita: Modernismo Baiano na revista A Luva*. Dissertação de Mestrado em Letras. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

de, a partir da década de 1930, expressaram suas opiniões e construíram suas “adesões” e “resistências” à chamada arte moderna, em seus escritos, seja por meio de livros ou publicações em periódicos, bem como foram recepcionando algumas marcas de modernismo no que se refere ao humor, em determinados suportes impressos, no âmbito literário.

Desta maneira, o propósito deste estudo foi analisar como se deu a repercussão da literatura moderna entre os intelectuais na cidade de Campina Grande nas décadas de 1920 e 1930, procurando desta forma estudar as principais práticas literárias de ambos na imprensa, historicizando as transformações nas maneiras de produção literária entre os escritores campinenses, percebendo assim algumas “das adesões” e “das resistências” à literatura moderna, principalmente no gênero poesia, visto que não identificamos experiências ficcionais significativas entre os escritores campinenses. Tal perspectiva se coloca como uma espécie de “estudo de caso”, uma forma de captar as maneiras do fazer literário, por meio de publicações em forma de livro ou na imprensa, na cidade de Campina Grande.

MODERNO, MODERNIDADE E MODERNISMO: O “PROVINCIANISMO COSMOPOLITA” DE CAMPINA GRANDE

Para pensarmos as repercussões do modernismo na cidade de Campina Grande nas décadas de 1920 e 1930, é necessário primeiramente compreendermos as diferenças entre as noções de moderno, modernidade e modernismo. Apesar dos três termos possuírem os mesmos radicais e uma série de analogias, acreditamos que há diferenças a serem identificadas.

De acordo com Mônica Pimenta Velloso “os termos moderno, modernidade e modernismo são correlatos, mas não têm o mesmo significado. Frequentemente assumem caráter fronteiro, devido ao incessante entrecruzamento de seus sentidos. Um termo esclarece a razão de ser do outro, iluminando-se reciprocamente”¹⁶. Todavia, é necessário entendê-los e rastrear seus sentidos a partir dos seus contextos de origem. Podemos começar pela natureza ambígua e esquiva do termo moderno.

É preferível entender a ideia de moderno sempre com base em um quadro de referências presidido pelas tradições. Para Mônica Pimenta Velloso: “Ele é transitório por natureza; é aquilo que existe no presente. O moderno do ano passado seguramente não é o moderno deste ano”¹⁷. Segundo Jacques Le Goff se de um lado o termo moderno aponta para a tomada de consciência de uma ruptura com o passado, por outro lado, o mesmo termo não carrega tantos sentidos como os seus semelhantes termos: novo e progresso.¹⁸

16 VELLOSO, Mônica. Op. Cit. 2010, p.11.

17 Idem.

18 LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005, p.185.

A cada época são criados novos olhares, inventos e denominações, que salientam a abrangência da denominação moderna em cada contexto. Segundo Haas Jauss o uso sistemático do termo remonta ao século XVI, no período da Renascença, no contexto do debate entre o antigo e o moderno. No entanto, desde o século V, estabeleceram contratos entre visões de mundo distintas, já configurando tensões entre o passado e o presente.¹⁹

Quanto à modernidade, que possui uma semântica instável, é consenso para os historiadores que se deve ao poeta e crítico de artes francês Charles Baudelaire (1821-1867) o mérito de ter conferido a palavra *Modernité* o seu sentido definitivo, até hoje reconhecido pelos estudiosos da área:

A modernidade é passado/presente, integrando novidade e curiosidade à celebração do antigo. Logo, o antigo deixara de ser configurado como exemplo, modelo e paradigma para transfigurar-se historicidade do presente. A cosmovisão da modernité ocasionou, portanto, a constituição de uma dualidade, porém uma dualidade que se definia como harmonia.²⁰

Num contexto da segunda metade do século XIX, Charles Baudelaire enfatizou as singularidades do moderno, como uma qualidade em si, e não como algo que contrastava com o passado, principalmente a partir do seu ensaio *O Pintor e a Vida Moderna* (1860-1863). Desta forma, o passado não se restringia mais ao que passou assim como o moderno deixava de ser mera atualidade.

Malcolm Bradbury e James McFarlane ao procurar diferenciar a modernidade do moderno, chegam à conclusão que "A modernidade, na acepção usual da palavra, é algo que avança com os anos, acompanhando sua velocidade, como a curva ondulação de

19 JAUSS, Hans Robert. Tradição literária e consciência atual da modernidade. In: OLINTO, Heidrum Krieger (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996, p. 59.

20 VELLOSO, Mônica Pimenta, Op. Cit. 2010, p.16.

um barco; o moderno do ano passado não é o moderno deste ano”²¹. Sendo assim, entende-se a modernidade como uma consciência nova, uma condição recente da mente humana, condição esta, que a arte moderna explorou e vivenciou e à qual por vezes se opôs de maneira intensa.²²

No mesmo contexto, temos a eclosão das diferenças entre a modernidade e o modernismo, que apesar de inseparáveis, constituem dois aspectos distintos do mundo moderno. Em síntese, os estudiosos acreditam que o conceito de modernidade constitui uma reação ambígua da cultura a agressão ao mundo industrial. Moldado durante o século XVIII, o termo foi extraído da sociologia, compreendendo a dissolução dos modos de organização das sociedades tradicionais, face à emergência da sociedade industrial, marcada pela revolução científica e tecnológica, presente na consolidação do capitalismo.

No que se refere ao termo modernismo, entre o final do século XIX e o início do século XX, o mundo ocidental foi palco de significativas transformações estéticas, trazendo assim a imersão de uma “nova arte”, que possibilitou mudanças nas sensibilidades e numa brusca ruptura com toda uma tradição.

Presenciando uma crise cultural, o movimento modernista criou linguagens e expressões artísticas que buscavam entender “o caos social” decorrente de uma mudança radical de referências e padrões civilizatórios e ao mesmo tempo uma reação ao aumento do poder do dinheiro, dos ideais materialistas e da burguesia. A crise afetava, sobretudo, a autoconfiguração dos intelectuais e dos artistas. Para Malcolm Bradbury e James MacFarlane o modernismo foi à única arte que respondeu “À trama do nosso caos, tornando- se assim, a arte da modernização – por mais absoluta

21 BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Org.). *Modernismo: Guia Geral*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.15.

22 Idem.

que possa ser a separação entre o artista e a sociedade, por mais oblíqua que possa ser seu gosto artístico”.²³

Demarcada principalmente pelas três primeiras décadas do século XX, a literatura do modernismo foi uma “arte das cidades”, em especial, nas chamadas capitais culturais, a exemplo de Paris, Berlim e Londres. Centros de intercâmbio cultural, intelectual e estético, que foram cenários propícios ao desenvolvimento de uma atmosfera fervilhante de novas artes e ideias. É na cidade que as comunidades intelectuais se formaram e onde se encontraram as instituições literárias básicas, como editoras, bibliotecas, museus, livrarias, teatros, revistas, etc.

Malcolm Bradbury avalia a importância destas capitais culturais:

A tendência modernista está profundamente enraizada nas capitais culturais da Europa; essas capitais culturais, dizem-nos os sociólogos, são aquelas cidades que se apropriam de certas funções e se tornam centro de intercâmbio cultural, locais onde se preserva a tradição num determinado campo, onde se congregam as novidades significativas, onde se concentram os especialistas, onde as inovações, são mais prováveis”.²⁴

O crítico literário Malcolm Bradbury ainda faz referência a um conceito bastante interessante e que reformula a ideia de uma recepção modernista em cidades menores aos grandes centros. É a noção de *provincianismo cosmopolita*, apropriação realizada na obra de Roger Shattuck. Este último estudou vilas cosmopolitas das artes, boemias e congêneres, e percebeu que cidades menores podem tornar-se lugares de difusão da arte moderna.

23 Idem, p.19.

24 BRADBURY, Malcolm. As cidades do modernismo. In: BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Org.). *Modernismo: Guia Geral*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.77.

É neste sentido, que trazemos para o centro da discussão, a questão da repercussão do modernismo na cidade de Campina Grande, principalmente a partir da década de 1930, à maneira de outras cidades do Brasil, num contexto marcado por resistência e adesões numa mesma literatura. Pensando a partir desta escala menor, de uma cidade ao mesmo tempo provinciana e cosmopolita, arcaica e moderna, Campina Grande se apresenta como uma cidade comercial e que possui entre seus intelectuais um desejo por novidades culturais, de acompanhamento de tendências modernistas, mesmo que numa escala e intensidade menor, como observaremos nas páginas seguintes.

PISTAS PARA UMA MODERNIDADE: “OS JORNAIS DE FESTAS” ENTRE O HUMOR ESCRITO E O HUMOR GRÁFICO

O modernismo no Brasil não foi um movimento que teve apenas uma raiz ou origem, no caso a paulistana, tendo o seu berço à cidade de São Paulo, através da Semana de Arte Moderna de 1922. O modernismo foi sendo aglutinado em várias regiões ao mesmo tempo, com diversidades expressivas, que antecederam a própria premissa revolucionária dos paulistanos na década de 1920. Desta forma, compactuamos com a “ideia de que não existiu tão somente um, mas vários pensamentos modernos no Brasil no primeiro quartel do século passado”.²⁵

Nesta lógica, seguimos as veredas indicadas pela historiadora Mônica Pimenta Velloso no Rio de Janeiro, repensando a ideia de modernidade em Campina Grande, tomando o humor como possível pista, numa tentativa de buscar outro caminho para compreender o modernismo fora do paradigma paulistano. Para Mônica Pimenta Velloso houve um erro grave por parte da historiografia de origem paulista, impondo o paradigma de 1922 sobre a experiência modernista no Brasil, produzindo assim visões generalizantes, como a ideia de “pré-modernismo”, que seria a concepção de que o período correspondente as primeiras décadas do século XX é considerado uma espécie de premonição dos temas de 1922. Desta forma, para a historiadora “é mais convincente pensar 1922 como um momento de confluência de ideias que vinham sendo esboçadas pela dinâmica social”.²⁶

25 DUARTE, Rodrigo Aldeia. Modernidade e tradição nos modernismos do Rio e de São Paulo. *Meme – Revista de Humanidades*. Natal, V.4. Nº7, fev/mar. de 2003, p.80.

26 VELLOSO, Mônica Pimenta, Op. Cit. 1996, p.31.

Nesta lógica, acreditamos que a melhor maneira de identificarmos o processo de instauração do modernismo em Campina Grande é pensarmos como as ideias e os valores da modernidade foram vivenciados, sentidos e postos em prática pelos intelectuais locais, compreendendo as dimensões sociais e culturais intrínsecas a este processo.

Para Mônica Pimenta Velloso, no Rio de Janeiro, entre o final do século XIX e o início do século XX, um grupo de intelectuais (chamados de “intelectuais humoristas”), escritores, jornalistas e caricaturistas, entre eles, Bastos Tigre, Emílio de Menezes, Raul Pederneiras, através de revistas ricamente ilustradas conseguiram difundir alguns dos mecanismos modernistas, através principalmente do humor, em poemas e caricaturas, que antecederam muitos dos aspectos modernistas paulistanos, como as práticas da síntese e do imprevisto, recursos altamente sofisticados.²⁷

Comparando a experiência carioca com a campinense podemos evidenciar que uma questão primordial para pensarmos o modernismo no âmbito de Campina Grande é a questão do humor, seja na forma de poemas e crônicas, seja através de caricaturas. Na cultura impressa da época, no Rio de Janeiro, foram às revistas ilustradas os espaços privilegiados de exposição de uma cultura modernista, onde o humor foi um traço predominante, principalmente através da caricatura. Em Campina Grande, identificamos estes mesmos traços de humor, de maneira mais “acanhada”, através dos chamados “jornais de festas”, também chamados de pasquins.

27 Idem.

“OS INTELECTUAIS HUMORISTAS”: CAMPINA GRANDE E OS SEUS “JORNALS DE FESTAS”

Significativa foi o número de jornais de festas que circularam em Campina Grande na primeira metade do século XX. Folhas muito bem recepcionadas na cidade, principalmente no período correspondente aos festejos de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Campina Grande, uma das festas mais esperadas durante o ano na primeira metade do século XX. Seu início se dava no dia 24 de dezembro e se estendia até o dia 1 de janeiro do ano seguinte.

A historiadora Regina Coelli Gomes Nascimento pinta a paisagem urbana quando da formação dos festejos do final do ano em Campina Grande nas primeiras décadas do século XX, certificando-se do papel da igreja católica como instituição que organizava as ruas e as praças:

A festa era realizada na Avenida Floriano Peixoto, próximo a matriz onde os pavilhões, barracas e parques de diversão eram armadas. Inicialmente ocorriam as cerimônias religiosas, geralmente no final da tarde, depois o povo se espalhava pelas ruas para se divertir e aproveitar as novidades. Os moradores e visitantes procuravam as barracas com prendas e sorteios, roletas de jogos com prêmios, os arraiais, procuravam assistir aos desfiles ritualizados, concursos de beleza, dentre outras atrações que enchiam os olhos dos espectadores.²⁸

Para Regina Coelli Gomes Nascimento nas primeiras décadas do século XX houve um investimento da sociedade para definir os espaços destinados à socialização e exibição dos signos moder-

28 NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. Festejos, folia e saudade – cartografias da festa da Padroeira de Campina Grande – PB. SOUSA, Antonio Clarindo de et al (org). *In: Cultura e Cidades*. Campina Grande: EDUFCEG, 2009, p.56.

nos, que estavam caracterizados pela forma de vestir, de organizar as residências, nas maneiras de se comportar:

Uma nova espacialidade passa a ser construída na cidade para circulação das pessoas que buscavam adotar estilos de comportamentos e costumes diferenciados dos modelos antigos marcado pelo isolamento nos sobrados. Nos novos espaços de sociabilidades instaurados por adultos, jovens e crianças passam a definir suas formas de ver e sentir a cidade. A vida passa a se desenrolar no passeio público, onde a população desfilava, passeava subjetivando através de gestos e atitudes sua condição social e econômica.²⁹

É neste cenário transformado pelas festividades da Padroeira, que os jornais de festa se colocavam como alternativas de exposição das novas sociabilidades modernas na cidade de Campina Grande, demonstrando o universo de relações interpessoais e intelectuais entre os habitantes. Produzidos pelos letrados campinenses, impressos de forma quase artesanal, em tipografias com poucos recursos técnicos, muitos destes jornalzinhos eram distribuídos diariamente de forma gratuita, registrando, através de notas, poemas, caricaturas, cartas, etc., os personagens e os espaços, principalmente da elite econômica e cultural da cidade.

O primeiro jornal de festa que identificamos durante a nossa pesquisa foi *O Novenário*, que circulou em Campina Grande durante os festejos da Padroeira de 1919 a 1922. Quatro páginas diárias, contendo poemas, cartas, anúncios e notas informativas sobre os concursos de “beleza, elegância e gracilidade”. Aliás, geralmente os textos destes jornais assumiam um valor de “conquista”, de “flicte” entre os jovens campinenses, declarações de amor, em forma de cartas e poemas romantizados, alusões diretas ou anônimas. Como exemplo, temos duas quadrinhas do poeta Júlio Maciel intitulado: “Rimário”:

29 Idem, p.58.

No mundo em que a dor floresce
Ninguém é feliz, ninguém:
Quem tem amores padece
E inda mais quem os não tem.

Só aos teus olhos, querida,
Olhos desta alma senhores,
Devo os prazeres da vida
E da vida devo as dores.³⁰

Além das declarações de amor, sobram “ironias” quanto aos colegas da imprensa, aos jovens dedicados as letras, que dialogavam salientando as suas características pessoais e ações nos dias da festa. No mesmo número citado identificamos sátiras aos “dotes literários” de Hortênsio Ribeiro³¹, Gilberto Leite³², Generino Maciel³³ e Mauro Luna, na época jovens entre 20 e 35 anos. Deste último, os editores do *Novenário*, ressaltam o lado poético do autor, afirmando que este havia publicado um livrinho chamado “jaculatórias”: “Orações em versos, preces libertinas, onde abundam o chei-

30 MACIEL, Julio. Rimário. O *Novenário*, Ano I, terceira fase, 29 de Novembro de 1920, p.3.

31 Hortênsio Ribeiro nasceu em Campina Grande em 31 de janeiro de 1885 e faleceu na mesma cidade em 16 de agosto de 1961, aos 76 anos de idade. Advogado, jornalista e cronista, concluiu o curso de preparatório no Grêmio de Instrução de Campina Grande. Formou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1918. Veio a exercer suas atividades na terra natal. Com sólida formação humanística, ingressou no magistério e no jornalismo. Fundou em Campina Grande no ano de 1923, a *Gazeta do Sertão*, numa segunda fase. Além disso, colaborou durante anos nos jornais da capital. Foi sócio fundador da Academia Paraibana de Letras em 1941 (o único representante de Campina Grande), juntamente com os escritores Coriolano de Medeiros, Horácio de Almeida, entre outros. Sua produção literária, constituída de crônicas, artigos e ensaios é disperso por jornais e revistas, a exemplo: *A Imprensa*, *Voz da Borborema*, *A União*, etc.

32 Não encontramos informações pessoais sobre este intelectual. Sabe-se que era formado em Direito pela Faculdade do Recife e atuou no jornalismo campinense entre as décadas de 1910 e 1930.

33 Generino Maciel nasceu em 1885. Fez os primeiros estudos no educandário de Clementino Procópio. De família humilde migrou para Belém do Pará, onde concluiu o curso de Direito. Voltou a Campina Grande onde se dedicou ao jornalismo e a advocacia. Elegeu-se Deputado Estadual por mais de uma legislatura.

ro da luz, a febre misericordiosa e outros cogumelos lacrimosos. O seu autor, o conhecido tachigapho Mauro Luna, com a publicação dessas aventuras obteve do Clero diferentes encômios”.³⁴



ILUSTRAÇÃO 2: O *Novenário*, um dos primeiros jornais de festa de Campina Grande. Fonte: O *Novenário*, nº1, 29 de Dezembro de 1920.

Não escapavam também dos traços de humor escritos nomes importantes do setor comerciário da época, da política, da educação e da medicina, como Dr. Chateaubriand Bandeira de Melo, Clementino Procópio e Severino Cruz. Este último, médico conceituado na cidade, recebe de presente a seguinte quadrinha humorística:

34 O *Novenário*, Ano I, terceira fase, 29 de Novembro de 1920, p.3.

Meu deus! Esta dor não cessa
Quanto tormento! Ai! Jesus!
Acuda-me aqui, depressa,
Dr. Severino Cruz.³⁵

Durante as décadas de 1910 e 1920, identificamos quase duas dezenas de “jornais de festas”, não só apenas ligados aos festejos de Nossa Senhora da Conceição (durante o período natalino), mas também relacionados ao período carnavalesco e o junino. Porém, a grande maioria mesmo era produzida durante a época natalina, ou seja, no mês de dezembro, correspondente a festa da padroeira, onde milhares de pessoas participavam das atividades religiosas e lúdicas.

A estratégia quase sempre destes jornalzinhos eram o humor e a crítica social. Os títulos destes suportes impressos quase sempre eram chamativos e satíricos, sendo escolhidos pelos seus editores a partir de critérios que validavam aspectos picantes, desordeiros, jocosos, constrangedores. Muitos deles sugeriam já em seus nomes intenções de fiscalizar, de criticar, de controlar, os sentidos, como os olhos e a boca, a exemplo: *O Tufão* (1930), *O Riso* (1935), *Oião* (1936-1938), *O Bisturi* (1938), *A Língua* (1947), *Rindo* (1949), *O Detetive* (1950-1953).

Estes jornais de festa foram mais abundantes principalmente na década de 1930, quando houve a expansão da cultura impressa campinense, época de melhoria da qualidade das impressões, novos maquinários e crescimento de associações interessadas em difundir suas ideias através de periódicos. Realidade que mudará na década seguinte, a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no que refere as dificuldades em conseguir papel para impressão. De maneira geral a produção de periódicos em Campina Grande não passou neste período de meia dúzia de títulos, algo que só seria normalizado entre o final da década de 1940 e início da década de 1950.

35 Idem.

O jornalzinho *O Biscuti*, por exemplo, começa a circular em 25 de dezembro de 1938, deixando de existir no dia 1 de janeiro de 1939. Numa espécie de editorial, os idealizadores do periódico expressaram de maneira direta a finalidade da publicação nas seguintes palavras:

Circula, hoje, no seu primeiro número, o Biscuti, jornalzinho que vinha sendo esperado ansiosamente pelo público, pelos jovens e pelas graciosas pequenas campinenses.

Não pretende O Bisturi fazer literatices infadonhas, e sim comentar as coisas festivas cheias de humorismo sadio, para deliciar o espírito da mocidade vibrante, tão encantadora dos momentos de alegria.

Escudado, como se vê, esse sentido de orientação, é que este periódico se propõe a vivenciar os acontecimentos ocorridos durante a quadra festiva, primando pelos assuntos sensacionais que possam atrair, vivamente, a curiosidade e a atenção de todos.³⁶

Jornalzinhos como *O Biscuti* são exemplos de estratégias de comunicação impressa criados pelos intelectuais de Campina Grande para um diálogo mais direto com outras classes sociais, com outros públicos, mais amplos. Geralmente, vinculados a um grupo social específico, estes se relacionavam prioritariamente em espaços de sociabilidade intelectual, no diálogo mais direto com o universo literário e político.

36 O Bisturi na arena. *O Bisturi*, Ano I, Nº1, 25 de dezembro de 1938, p.1.



ILUSTRAÇÃO 3: Jornal de festa *O Bisturi* de Campina Grande, um dos mais ilustrados de sua época. Fonte: *O Bisturi*, n° 5, 29 de Dezembro de 1936.

Ao publicarem em periódicos como estes, de ampla divulgação, com um público diverso, o intelectual se colocava próxima ao povo, colocando seus dons para uma causa popular, mesmo que relatando hábitos na maioria das vezes das elites locais econômicas³⁷. Fora do gabinete, nomes como Anésio Leão, José Pedrosa, Francisco Asfora, Antonio Moraes, Lopes de Andrade, José Maciel e tantos outros, conseguiram expressar a espontaneidade, a informalidade e o inconformismo diante das questões relacionadas à cidade e os seus personagens, quase sempre sobre a lógica do humor.

Daí a definição de “intelectuais humoristas”, respaldado pela historiadora Mônica Pimenta Velloso³⁸, homens de letras, que pela força do verbo e dos traços da caricatura conseguiram expressar

37 Sabemos muito bem que os jornais de festas eram produções da elite para a elite, na maioria das vezes, todavia, devido à circulação de grupos sociais mais diversos, acreditamos que outras pessoas, de diferentes cidades, letradas ou não, tinham contato com estas produções.

38 VELLOSO, Mônica Pimenta, Op. Cit. 1996, p.57.

críticas e sátiras a realidade local, a partir de uma linguagem telegráfica dos trocadilhos, chistes ou crônicas, indicando elementos da modernidade, num período de transformação social e cultural intensa como foi nas décadas de 1920 e 1930.

Estes intelectuais humoristas, segundo Mônica Pimenta Velloso, seriam um misto de valente, irreverente, herói, justiceiro, vanguardista, objeto, de riso e troça, se destacando por sua multiplicidade de “eus”. Uma espécie de máscara é formulada por estes sujeitos que escondiam muitas vezes a verdadeira identidade. São os pseudônimos, tão recorrentes no universo intelectual, funcionando como recurso de uma representação teatral, estabelecendo muitas vezes os limites entre o homem sério e o humorista, códigos de solidariedade e proteção contra uma possível censura.

ESTES INTENSOS ANOS 30: OS JORNAIS “FAGULHA” E “VITRINE” NAS TRAMAS DO MODERNISMO

A cidade de Campina Grande passou na década de 1930 por grandes transformações urbanas, proveniente do seu crescimento econômico vertiginoso, causado em especial pela impulsão dos dividendos oriundos da exportação do algodão para países europeus e os Estados Unidos e pela importância fundamental da feira, reconhecido em nível regional. Segundo Epaminondas Câmara:

O comércio dilatou suas atividades pelo interior dos Estados vizinhos, e na cidade foram instalados armazéns por atacado, de tecidos, ferragens, miudezas, louças, material de saneamento, etc.etc. apareceram fábricas de gelo, mosaico, arame, estopa, tecidos grossos e sacaria, laticínios, móveis, calçados, etc.etc. Os bancos, pondo à margem os agiotas, fomentaram o crédito regional, influenciando de modo interessante na ida econômica do estado. Automóveis e caminhões invadiram as ruas e as rodovias, desaparecendo fatalmente os burros de carga e as “casas de rancho” de almocreves, e tornando a cidade o mais movimentado centro de caminhões do Norte do Brasil.³⁹

Nesta lógica, de acordo com o mesmo Epaminondas Câmara, o meio social campinense foi modificado graças as instituições atuantes como a *Igreja Católica*, o *Rotary Clube*, a *Maçonaria* e o *Campinense Clube*. Ou seja, o autor de *Datas Campinenses* salientou a importância dos espaços de convivência das elites econômicas de Campina Grande, considerando que ambas definiram o perfil “civilizatório” desta cidade do interior da Paraíba. Não po-

39 CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Edições Caravela, 1998, p.135.

demos esquecer também dos sindicatos e clubes, entidades mais populares e próximas de outras classes sociais, como a *Sociedade Beneficente dos Artistas* e o *Sindicato dos Empregados do Comércio*, também fundados no mesmo período.

É neste contexto, de impulso econômico e também associativo, nos anos finais da década de 1930, que surgiram dois jornais de festas diferenciados, que consideramos paradigmáticos quanto a concepção de conteúdos e recursos de linguagem, que nos permitem pensar questões sobre a repercussão do modernismo em Campina Grande nesta mesma década de 1930. São eles: “Fagulha” e “Vitrine”.

“Fagulha” foi um jornal de festas campinense criado em 1936, pelos jovens Levy Borborema, Paulo Brasil e Aduino Rocha⁴⁰. O periódico se diferencia dos jornais do mesmo gênero pelos aspectos visuais, com usos contínuos de fotografias e caricaturas em suas páginas. Outro elemento forte são as atrativas propagandas, entrecruzando humor, poesia e imagens. Poemas em forma de epigramas satíricos, motes a moda popular, com críticas aos comportamentos locais, aforismos hilários sobre situações ou casos excêntricos, criados e recriados pelas personalidades da cidade de Campina Grande, geralmente homens ligados ao campo das letras e ao comércio.

No quadro “Estilhaços”, bem ao gosto modernista, identificamos textos curtos e irônicos, espécies de aforismos, aonde os editores colocavam suas opiniões sobre muitos nomes das elites locais. Exemplos são as ironias traçadas nos seguintes textos: “As 3 coisas que mais adoro na vida: o amor, as mulheres e o Banco Auxiliar do Povo”⁴¹, identificada como sendo do comerciante Terto Barros e “Não falo o português corretamente, mas banco um jorna-

40 Dos três jovens, o Levy Borborema não identificamos informações sobre ele. Quanto a Paulo Brasil e Aduino Rocha elaboramos notas biográficas mais a frente, neste mesmo ensaio.

41 Estilhaços. *Fagulha*, Ano I, nº2, 24 de Dezembro de 1936, p.3.

lista de fibra longa”⁴², frase identificada como sendo da autoria do professor e jornalista Pedro d’Aragão.

Nas duas frases há toda uma apropriação de características de cada personagem, que envolvidas pelo humor e a sátira, ganharam novos significados. Em Terto Barros, os editores ironizam o seu envolvimento desmedido com as questões financeiras, como homem extremamente preocupado com seus negócios, em conquistar fortunas, daí a referência ao Banco Auxiliar do Povo, importante lugar de créditos e empréstimos em Campina Grande⁴³. Já em Pedro d’Aragão, um dos editores do jornal *O Rebate*, a sátira recai sobre a sua provável falta de domínio com a língua portuguesa, mesmo sendo professor e jornalista, o que para muitos seria uma enorme contradição.



ILUSTRAÇÃO 4: *Fagulha*, jornal de festa com toques modernistas. Fonte: *Fagulha*, n.º 2, Ano I, 24 de Dezembro de 1936.

42 Estilhaços. *Fagulha*. Ano I, n.º3, 25 de Dezembro de 1936, p.3

43 Este aspecto fica ainda mais claro ao lermos o seu livro de memórias *Meio Século de Labor*, onde a preocupação financeira parece ser um traço marcante de sua personalidade. Ver: BARROS, Tertuliano. *Meio século de Labor*. João Pessoa: A União, 1945.

É bem comum encontrarmos nas páginas dos jornais de festas de Campina Grande a prática dos galanteios, com a publicação de poemas amorosos e concursos de beleza. Nesta lógica, “Fagulha” “inova” ao publicar as fotografias de várias moças, sendo elogiadas pelos jovens graças aos seus atributos físicos e morais. Expressões como “Ninfas das Ninfas”, “Filhas de Eva” e “Lendárias Helênicas” são usadas para definir as características destas mulheres, cobiçadas pelos homens da época.

Porém, de todos os recursos de linguagem, é a caricatura o elemento mais demonstrativo do modernismo presente neste jornalzinho. Segundo Mônica Pimenta Velloso caricatura e modernidade estão intrinsecamente relacionadas, sendo um elemento para pensarmos as expressões do conflito de valores que ocorrem nas esferas públicas e privadas e o universo de valores objetivos e subjetivos, exteriores e interiores.⁴⁴

Nesta lógica, os jornais de festa podem ser considerados como observadores da vida social. São mecanismos de controle e de exposição dos comportamentos, onde personagens são expostos em textos e traços satíricos, numa arte contínua de flagrar, captar e registrar o cotidiano da cidade a partir de um acontecimento marcante: a festa da padroeira. No caso específico de Campina Grande, durante este festejo, havia um aglomerado de pessoas, advindas dos mais diferentes lugares, dando, portanto, um significado ainda maior a estas práticas modernas:

Na modernidade, ocorre essa exposição forçada do indivíduo na esfera pública. Nada, nem ninguém, consegue passar despercebido e ficar de fora do campo da observação social. A ‘leitura dos outros’ expõe e desvenda inevitavelmente a intimidade de cada um. Parte-se de um princípio taxativo: o que cada pessoa é aparece involuntariamente, tanto física quanto emocionalmente. Não há, portanto, como se livrar dessa

44 VELLOSO, Mônica Pimenta. Op. Cit. 1996, p.96.

leitura, que traz à superfície o universo recôndito das emoções e dos sentimentos.⁴⁵

Com isso, encontramos no jornal “Fagulha”, 7 caricaturas publicadas como as apresentadas abaixo, dos intelectuais campinenses Luiz Gomes da Silva (jornalista e odontólogo) e Hortênsio de Sousa Ribeiro (advogado, jornalista e cronista). Infelizmente não conseguimos identificar o caricaturista que os produziu.

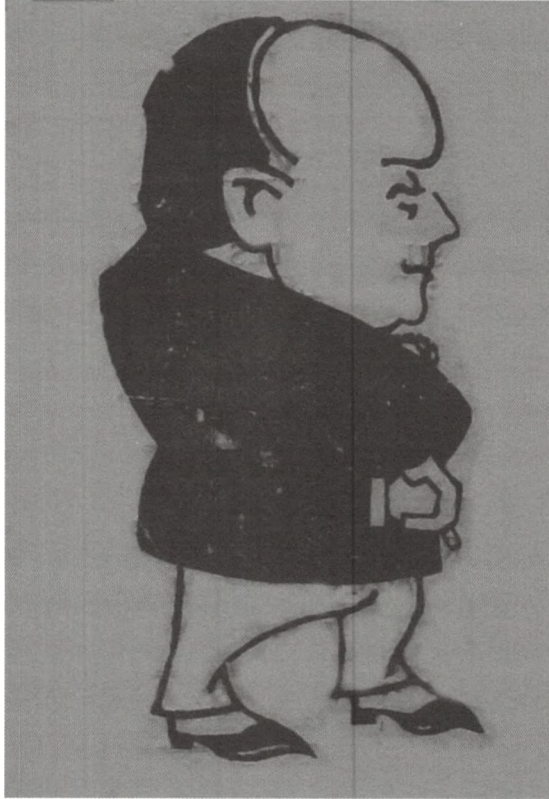


ILUSTRAÇÃO 5: Caricatura de Luis Gomes da Silva

Fonte: *Fagulha*. Ano I, nº4, 25 de Dezembro de 1936, p.4.

Percebam que a caricatura de Luiz Gomes da Silva expressa a elegância do personagem, com roupas e sapatos apurados. A cabeça desproporcional ao resto do corpo é um dos elementos clássicos de uma caricatura, com “os usos e abusos” de partes

45 Idem.

específicas da anatomia do personagem: saliências, exotismos, exageros, presentes no corpo do próprio caricaturado e (re)significados de acordo com as necessidades.

Vejamos o que diz o texto que acompanha a caricatura:

Vindo de J. Pessoa, onde foi expandir os seus “sonhos”, esteve ontem à noite, nos Pavilhões, o conhecido Tiradentes – Dr. Gargalhada.

“Fagulha”, procurando ouvido a respeito de assuntos bucais, entrevistou ali o Dr. Tenente, que vem sendo o algoz dental dos soldados do batalhão policial desta cidade.

Disse-lhe que fora também a Recife apresentar à sociedade odontológica a sua grande descoberta cirúrgica que consiste em arrancar dentes sem “efetuar a substituição dos mesmos”, adiantando que “o individuo que não lava a boca, não tendo dentes, não sofrerá prisão de ventre”.

Terminando diz ainda o Dr. Tenente “além disso já estou procurando descobrir a adaptação de dentes de cavalo na boca de sujeitos bípedes para mastigar capim”

- José Fabio inventou a injeção de cuspo, porem eu, remata o dr. Biscoitinho, descobri a “desdentologia”.⁴⁶

Este texto possui, entre outros aspectos, ironias a atividade de dentista de Luiz Gomes da Silva (havendo inclusive uma referência a Tiradentes), onde o produtor da historinha ironiza a possível “eficiência” do personagem diante desta atividade profissional, ressaltando as suas mirabolantes pesquisas no campo da odontologia, profissão na verdade que pouco exerceu, pois se dedicou principalmente ao jornalismo. Termos como Dr. Gargalhada, Dr. Tenente, Dr. Biscoitinho, aumentando ainda mais o teor de “galhofa” da entrevista criada ou recriada pelos editores da “Fagulha”.



ILUSTRAÇÃO 6: Caricatura de Hortensio de Sousa Ribeiro. *Fonte: Fagulha, Ano I, nº6, 27 de Dezembro de 1936, p.4.*

Em relação à caricatura de Hortensio de Sousa Ribeiro temos o intelectual representado de forma elegante, com roupas, sapatos e outros adornos, a exemplo da bengala e do chapéu demonstrando refinamento. No aspecto “exagero”, a anatomia que sofre é o nariz, desenhado de forma avantajada propositalmente. No caso do texto que acompanha a caricatura, de vítima anterior, Luiz Gomes da Silva se transforma em algoz, visto que o próprio jornalista escreveu a narrativa que acompanha a caricatura, expressando elementos satíricos através de uma historinha, que conjuntamente com a caricatura formam um painel cruel do que seria o personagem:

O Dr. Hortensio Ribeiro quando não usava “apara-brisa” no “pao da venta”, e usava bengala.

Falar em torno da personalidade esdrúxula do autor de NOTAS DO DIA é coisa muito seria, minha gente!... Disem os seus futuros biógrafos que esse solteirão gostava de beber leite às manhãs (não sabemos em que parte) exclusivamente de uma velha vaca... Escutem a história...

Às 6 horas, metia-se no seu roupão cor de burro que se some, e lá se ia para o curral, engulir o leitinho gostoso dessa vaquinha a quem muito estimava de coração... Os dias foram passando... e quando menos o velho filósofo pirrounista esperava, eis que não mais encontrou, no curral, a sua “ama de leite”.

Voltou para casa desconcertado...até choramingando. E lá não foi mais. Amou-se.

O tempo foi passando...

Um dia ele soube que a sua “a miguinha” havia voltado para seu ponto...cedinho da manhã envergonhou o seu “beção”; acachapou um travesseiro na cabeça, e caminhou para o curral...

E o Dr. Hortensio, ao contemplar a vaca, sua predileta, exclamou, com os olhos rasos de copiosas lágrimas – “abençoa, minha mãe.”⁴⁷

Referências como o fato de não ser casado até a aquela data, mesmo sendo um homem de certa idade (mais de 40 anos), são ressaltados no texto de maneira a ridicularizar o personagem. Mais ainda, o lado grotesco é destacado, ligando a prática de “beber leite de vaca”, a certa infantilidade ou desvio da normalidade padrão dos letrados, o que contrariaria com sua imponência e respeito. Tanto na caricatura como no texto, o exagero é a marca forte, pois sabemos:

O homem é um ator que representa continuamente. As ruas da cidade são seu palco; as máscaras fisionômicas, o artifício que utiliza para esconder sua verdadeira personalidade. Essas ideias são extremamente familiares ao universo de nossos humoristas. Para estes, o traje é um dos elementos fundamentais para a composição do personagem que se deseja representar. Excentricidade, elegância, desmazelo, irreverência – são

47 SILVA, Luís Gomes da. A vaquinha do Dr. Hortensio. *Fagulha*, Ano I, nº6, 27 de Dezembro de 1936, p.4.

várias as facetas pelas quais o grupo se exprime e se impõe como tal. ⁴⁸

Os dois intelectuais retratados pelo caricaturista foram nomes bastante conhecidos nos círculos intelectuais e políticos de Campina Grande na época. Hortênsio Ribeiro e Luís Gomes da Silva, portanto, podem ser considerados como membros de uma classe social mais vulnerável a sátiras, visto que muitas vezes o olhar dos “intelectuais humoristas” se volta principalmente para os seus semelhantes, ou seja, os próprios intelectuais, em especial aqueles que se destacavam no campo literário.

Já em relação ao jornal “Vitrine”, de acordo com Fátima Araújo, ele foi fundada pelos intelectuais José Pedrosa⁴⁹ e Lopes de Andrade⁵⁰, em 1937, deixando de funcionar durante os fins da festa do ano de 1939⁵¹. Portanto, o jornalzinho funcionou durante duas Festas da Padroeira em dois anos consecutivos. Todavia, apesar das identificações realizadas por Fátima Araújo, nas páginas do

48 VELLOSO, Mônica Pimenta. Op. Cit. 1996, p.96.

49 José Pedrosa nasceu na cidade pernambucana de Timbaúba, no dia 02 de janeiro de 1914. Veio junto com sua família para Campina Grande, em 1925. Iniciou as suas atividades no comércio de livros, trabalhando na *Livraria Moderna*, de propriedade de seu tio Yoyô Cavalcanti, no ano de 1933. Pedrosa em pouco tempo tornara-se gerente da citada firma. Com conhecimentos adquiridos com a experiência da *Livraria Moderna*, fundou a *Livraria Pedrosa*. Com a ampliação do mercado, indo além da venda de livros, em 1953, inaugura o Edifício do Livro, considerado um importante marco e empreendimento na área das artes e da literatura em Campina Grande. Em cinco décadas de atuação, que vão de 1946 a 1999, a livraria acolheu também a presença de importantes lançamentos de obras dos mais consagrados autores nacionais, como Jorge Amado, Gilberto Freyre, Juarez Távora, José Conde, Mauro Motta, entre outros.

50 José Lopes de Andrade nasceu em Queimadas, em junho de 1914. Jornalista, professor e funcionário público, colaborou em boa parte dos jornais paraibanos de sua época. Foi Secretário da Prefeitura de Campina Grande na administração de Vergniaud Wanderley e de Elpídio de Almeida, Chefe de Gabinete do governador José Américo de Almeida. cursou História e Geografia na Faculdade de Filosofia da Paraíba, fazendo depois um curso de pós-graduação em Economia, na CEPAL, órgão da ONU. Publicou vários livros, com destaque para o *Introdução a Sociologia das Secas* (1947), prefaciada por Gilberto Freyre e *Província, essa Esquecida* (1950).

51 ARAÚJO, Fátima. *Paraíba: Imprensa e Vida*. Campina Grande: Grafet, 1986, p.380.

periódico estão os pseudônimos de três editores: Plus-Ultra, Lizard e Ronald.

Na realidade era bem comum o uso destas práticas de não identificação entre os intelectuais no Brasil e não seria diferente entre os letrados campinenses. Acreditamos que tal escolha pelo uso dos pseudônimos se deve ao fato que estes jornalzinhos, eram contaminados por códigos bastante próprios, como a sátira e o humor, o que faria destes intelectuais terem uma arma contra a censura, dando mais liberdade quanto às “cantadas” com as jovens, bem como as críticas sociais aos políticos ou mesmo as ironias contra os amigos ou conhecidos na cidade.



ILUSTRAÇÃO 7: *Vitrine*, indícios modernistas num jornal de festa. Fonte: *Vitrine*, Ano I, n°1, 24 de Dezembro de 1937.

O leitor deste jornal de festa poderá desde o primeiro número identificar as motivações que levaram estes intelectuais, no caso Lopes de Andrade e José Pedrosa, a elaboração do jornal *Vitrine*, no número correspondente a abertura, de 25 de dezembro de 1937. Vejamos o que diz o editorial do periódico:

Vitrine destina-se a tornar a festa da padroeira mais atraente. Em função da sua qualidade de Vitrine, terá que expor qualquer coisa de agradável aos olhos dos leitores. E aí se complementa a finalidade, que visa abrilhantar a festa, organizando a mais sensacional “big parade” da beleza de Campina Grande.⁵²

O texto salienta os intuitos de conquistas dos editores, deixando claro que o jornal será uma vitrine para a expressão da diversidade feminina de Campina Grande: “partindo do princípio filosófico, de que existe alguma coisa superior a beleza, que é a variedade, *Vitrine* não terá preferências fixas, variando toda a noite, o sortimento de sua exposição (...)”.⁵³

Ao observarmos tais termos para um periódico, expressando valores de sedução e conquista feminina, devemos perceber que estamos falando de um grupo de jovens, que não estava inserido definitivamente no campo literário local e que esboçavam através da imprensa campinense, as suas primeiras produções literárias. Tanto Lopes de Andrade, como José Pedrosa, eram rapazes com apenas 23 anos de idade. Estratégias como o lançamento de um jornal de festa, podem ser definidas como um modo de serem mais reconhecidos, de ampliarem um público leitor de suas produções, na cidade de Campina Grande.

Longe de ser apenas um jornal com intuitos de conquistas femininas, de galanteios durante os dias de festa, *Vitrine* não se tornou original em sua época devido a publicação de crônicas, cartas, poemas, epigramas e propagandas, mas sim pela publicação de caricaturas, valorizando outros códigos de comunicação, com recursos gráficos, como vamos observar a seguir.

Impresso nas oficinas da *Livraria Moderna* e publicada diariamente de 24 de dezembro de 1937 a 1 de janeiro de 1938 (1º fase), e depois de 24 de dezembro de 1938 a 1 de janeiro de 1939 (2º

52 A finalidade. *Vitrine*, Ano I, nº1, 24 de Dezembro de 1937, p.1.

53 Idem.

fase), a *Vitrine*, trouxe em suas páginas uma série de sátiras inteligentes, sobretudo enfocando personalidades do campo literário e político de Campina Grande da década de 1930.

O jornalzinho possuía uma estrutura definida, formulada a partir de sessões específicas, constituída por poemas, pequenas crônicas, aforismos e piadas. Podemos destacar as sessões “Estilhaços” (trechos de depoimentos de personalidade relatando aspectos da vida urbana), “Deixe ler sua mão” (uma interpretação sobre as possibilidades afetivas durante a festa), “Vi e anotei” (comentários sobre acontecimentos durante os dias de festa, como traições, bebedeiras, jogos políticos, etc.), “Mentira campinense” (sátira a determinados acontecimentos da cidade), “O que pensa da Mulher?” e o “O que pensa o Homem” (quadros em que os editores publicavam a opinião de letrado (a)s sobre o sexo oposto).

Porém, é na sessão “*Reminiscências*” do jornal *Vitrine* que encontramos sete caricaturas produzidas por um caricaturista que “se escondeu” através do pseudônimo de “Prijo”. Não encontramos indícios sobre sua identificação, porém, temos que destacar seus evidentes dons na arte de produzir o gênero caricatura.

As caricaturas, na verdade, vêm acompanhados de poemas satíricos sobre personalidades do universo religioso, político e comercial de Campina Grande, em espécie de enigmas ou charadas, para que os leitores possam identificar o personagem, numa junção entre texto e imagem, poema e caricatura. Vejamos a primeira:



ILUSTRAÇÃO 8: Caricatura sobre a situação dos cinemas de Campina Grande na década de 1930. *Fonte:* *Vitrine*, Ano I, nº3, 23 de Dezembro de 1937, p.3.

A caricatura expressa primeiramente uma crítica à ausência de higienização nos antigos cinemas de Campina Grande da época, no caso exemplificado no Cine Apolo. As pulgas são as representações destes hábitos não muito higiênicos. Outro elemento importante é o atrelamento aos problemas estruturais referentes aos cinemas campinenses, à pessoa de Getúlio Cavalcanti⁵⁴, ex-gerente do Cine-Teatro Apolo e na época, 1937, gerente do Capitólio a pouco tempo inaugurado.

54 Getúlio Cavalcanti nasceu em 26 de janeiro de 1881 e faleceu em 05 de junho de 1945. Sobrinho de Alexandrino Cavalcanti, comerciante da década de 1910, foi o segundo gerente do Cine Apolo, depois gerente do Cine Capitólio. Figura folclórica de Campina Grande.

Na caricatura Getúlio Cavalcanti é representado como uma espécie de “amigo das pulgas”, sendo inclusive responsabilizado pelo fechamento do *Cine Teatro Apolo* e como gerente atual do *Capitólio* naquele ano de 1937, - segundo o caricaturista, poderia ser o responsável também pela praga neste novo espaço de lazer cinematográfico. É claro que há algo de exagerado nas intenções do caricaturista, pois sabemos que o *Cine Capitólio* era habitado pelas classes mais ricas da cidade, porém não deixa de ser uma crítica contundente sobre a situação dos cinemas em Campina Grande.⁵⁵

Numa segunda caricatura que destacamos, podemos observar uma abordagem sobre o personagem Paulo Brasil:

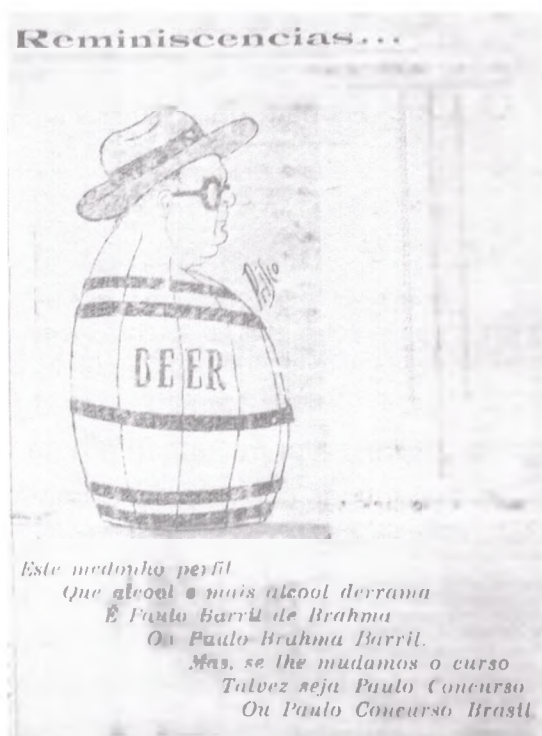


ILUSTRAÇÃO 9: Caricatura de Paulo Brasil. *Fonte:* *Vitrine*, Ano I, nº4, 24 de Dezembro de 1937, p.3.

55 DINOÁ, Ronaldo. Memórias de Campina Grande. João Pessoa: A União, 1993, p.461.

Paulo Brasil foi um jovem natural de Guarabira, Paraíba e que chegou a Campina Grande nos anos 1920. Na época a cidade não passava dos seus 15 mil habitantes. Entre as décadas de 1930 e 1940, tornou-se funcionário do DNOCS⁵⁶ e do Fisco Estadual, mas foi como comerciante, sendo dono de padarias e mercadinhos no centro de Campina Grande, que ficou conhecido na cidade na década de 1950.⁵⁷

Na época da publicação da charge na *Vitrine*, Paulo Brasil era um assíduo frequentador das festividades em Campina Grande, organizador de concursos de beleza, que chamavam atenção do público. Conhecido pela simpatia e a sociabilidade, seu nome era recorrentemente citado nos círculos boêmios, em vários jornais de festa, inclusive chegou a ser editor do jornal *Fagulha*, já discutido aqui anteriormente neste mesmo ensaio.

Segundo Dalva Brasil, esposa do caricaturado, “Paulo era um homem de temperamento extrovertido, alegre, e essa capacidade de comunicação, (...) nunca me incomodou”⁵⁸. Todavia, nas palavras da esposa de Paulo Brasil, não há nenhuma referencia ao lado boêmio do personagem nos anos anteriores ao casamento, ocorrido na década de 1940.

Na caricatura o corpo de Paulo Brasil é fundido com um barril de cerveja, da marca *Brahma*, bastante consumida na época e patrocinador de algumas atividades realizadas durante as festividades da Padroeira de Campina Grande, entre elas os concorridos concursos, da qual Paulo Brasil era um dos principais organizadores, o que explica a referência no poema. Os óculos, o chapéu, a gordura no corpo, tornaram-se elementos predominantes para composição da caricatura, dando a dimensão de humor e de sátira.

Desta forma, ao concluir nossa curta incursão, compreende-

56 DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas).

57 DINOÁ, Ronaldo. Op. Cit. 1993, pp.111-115.

58 Idem, p.113.

mos que os jornais de festa, traziam alguns elementos inovadores, se comparado a outros periódicos semelhantes da época. O lado informal e amador, com usos de recursos de linguagens mais espontâneos, como a propaganda, a epigrama e a caricatura são exemplos como o modernismo, de certa forma, esteve presente no hábito dos intelectuais locais principalmente a partir da década de 1930. Se no Rio de Janeiro foram as revistas ilustradas em que o modernismo antecipou as transformações de linguagens, em Campina Grande, foram nos jornais de festa, espaços timidamente inovadores.

A VANGUARDA CULTURAL CAMPINENSE: UM MOVIMENTO ISOLADO?

Não queremos fracionar a importância da Semana de Arte Moderna, mas suas recepções na época de sua difusão em 1922 foram mínimas no contexto nacional. Só com o passar dos anos seus postulados conseguiram chegar a outros estados e cidades do Brasil. A resistência, acreditamos, foi muito mais forte do que o número de adeptos na primeira década pós-movimento.

Mais do que um ponto de partida, um coroamento, um resultado, a Semana de Arte de 1922 foi um ponto de convergência e aglutinação de forças que se vinham constituindo e forcejavam por manifestar-se. Houve a demarcação de revoltas e inconformismos contra os tabus e os postulados estabelecidos, dentro de uma inegável inquietação estética.⁵⁹

Segundo o crítico literário Antônio Cândido o modernismo foi um

Movimento cultural brasileiro de entre as duas guerras, correspondente à fase em que a literatura, mantendo-se ainda muito larga no seu âmbito, coopera com os seus outros setores da vida intelectual no sentido da diferenciação das atribuições, de um lado; da criação de novos recursos expressivos de outro. A inteligência tomou finalmente consciência da presença das massas como elemento construtivo da sociedade; isto, não apenas pelo desenvolvimento de sugestões de ordem sociológica, folclórica, literária, mas, sobretudo porque as novas condições da vida política e econômica pressupunham cada vez mais o advento das camadas populares.⁶⁰

59 Um exemplo disso são as observações trazidas por Ângela de Castro Gomes, no que se refere aos conflitos e competições sobre os possíveis percussores dos movimentos modernistas do Brasil em São Paulo e Rio de Janeiro na década de 1920. Visto que depois da semana de arte moderna em São Paulo, foi no Rio de Janeiro, através de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes Neto, na revista *Estética*, que se encarregaram de conduzir o legado modernista. Ver GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio... Os intelectuais cariocas e o modernismo. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol.6, Nº11, 1993, pp.62-77.

60 CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1976, p.134.

A partir desta perspectiva, pode-se pensar o modernismo como um movimento literário que ultrapassou, aprofundou e alargou o conceito de literatura vigente no Brasil. Nomes como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, entre outros intelectuais, tornaram-se personagens diretos no campo literário brasileiro, sendo colocados como líderes de “abalos” consideráveis de transformação artísticos e culturais no Brasil.

De acordo com Afrânio Coutinho, a ideia central da Semana de Arte Moderna era “destruir”, “fazer escândalo”, para depois tornar-se um movimento cultural: “Rejeitava-se tudo o que constituísse patrimônio “passadista”: a ênfase oratória, a eloquência, o hieraticismo parnasiano, o culto das rimas ricas do metro perfeito e convencional, da linguagem classicizante e lusitanizante; advoga-se uma maior fidelidade à realidade brasileira”.⁶¹ Para o historiador da literatura Afrânio Coutinho houve, portanto, uma oposição ferrenha ao simbolismo e ao parnasianismo, estilos de época em voga no início do século XX no Brasil. Figuras como Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Coelho Neto, por exemplo, de enaltecidos dentro do campo literário nacional, tornam-se, pouco a pouco, vítimas de críticas sobre seus estilos, considerados “passadistas”, marcados pelo vício do palavreado empolado de difícil compreensão.

Desta forma, a *Semana de Arte Moderna de 1922*, toma um caráter inaugural, e é considerado pela historiografia brasileira um verdadeiro “divisor de águas” na história literária, acionando vasta rede de representações, subjetividades, imaginários e práticas culturais no Brasil. Além de um sentido simbólico, a Semana tem um efeito normativo, ao reunir homens e textos em torno de uma designação, como um evento fundador, para uma geração modernista.

Toda esta movimentação, segundo Ângela de Castro Gomes, foi causada graças aos círculos de sociabilidades constituídas antes mesmo da Semana de Arte Moderna, principalmente nas ci-

61 COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p.269.

dades de São Paulo e Rio de Janeiro, em confeitarias, livrarias e redações de jornais, formando grupos, liderados por nomes como Graça Aranha, que compactuavam com a ideia de transformação estética das artes brasileiras.⁶²

Além disso, o modernismo não se restringiu apenas ao eixo Rio-São Paulo, sendo vivenciada por intelectuais de vários estados do Brasil, propiciando a composição de grupos em torno de discussões que provocaram movimentos, manifestos, revistas, jornais. Se pudéssemos compor um itinerário do modernismo, perceberíamos que o seu eixo inaugural se deu realmente entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Nesta última houve um intenso movimento de renovação, já na primeira década do século XX, expressado principalmente através da revista *Estética* (1924-1925), editada pelos escritores Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, Neto.

Minas Gerais também participou desta ascensão modernista na mesma década de 1920, compondo um movimento através de um conjunto de intelectuais de vanguarda residentes em Belo Horizonte, que tinham objetivos e vivências de renovação literária. Porém, o movimento modernista mineiro, segundo Fernando Dias, não teve na Semana de Arte Moderna uma repercussão imediata. Por outro lado, "(...) a vida e os escritos dos então jovens literatos de Minas, alguns se impressionaram com o acontecimento, mediante as informações que receberam algum tempo depois".⁶³

O fato é que houve um contato entre os modernistas mineiros e paulistas no ano de 1924, na cidade de Belo Horizonte. Isso de certa maneira evidenciou a importância da recepção da Semana de Arte Moderna de 1922, mesmo sendo dois anos depois deste marco estético. Para Fernando Dias o movimento modernista em Minas Gerais inicia-se como grupo em 1923, tendo entre os membros, Carlos Drummond de Andrade, mas só ganhou um sentido

62 GOMES, Ângela de Castro. Op. Cit. 1993, pp.62-77.

63 DIAS, Fernando Correia. *O Movimento Modernista em Minas: uma interpretação sociológica*. Brasília: Ebrasa, 1971, p.37.

em 1924, justamente quando da caravana de intelectuais de São Paulo visitou a capital mineira. ⁶⁴

Passados dois anos após a *Semana de Arte Moderna*, a Região Sudeste, de certa forma, direcionou os debates em relação às transformações modernistas no Brasil, em especial, a partir das lideranças de Mário e Oswald de Andrade em São Paulo; Graça Aranha, Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, Neto, no Rio de Janeiro; e Carlos Drummund de Andrade, em Minas Gerais.

De acordo com Ângela de Castro Gomes:

(...) se as ideias modernistas encontram nesse momento um 'meio de aclimatação' favorável, ultrapassando os limites estreitos do "pequeno mundo" intelectual, é também neste segundo tempo que estas mesmas ideias começaram a ser "digeridas" por este "pequeno mundo", donde o seu processo de multifacetamento e a preocupação e missão dos modernistas realizaram, eles mesmos, a crítica de sua produção. ⁶⁵

Além da Região Sudeste, não há como deixar de destacar a presença importantíssima do Nordeste e do Norte no processo de difusão do modernismo no Brasil, com destaque para as províncias de Pernambuco, Pará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Bahia, ainda na primeira metade da década de 1920. Neste sentido, fica ainda mais clara a ideia de diversidade no âmbito da experiência modernista no Brasil colocada por Ângela de Castro Gomes e Mônica Velloso Pimenta, enfatizando a concepção de modernismos, e não apenas de um modernismo. Pois "O modernismo era feito de deslocamentos no espaço, no tempo, na mente. O modernismo era feito por cada um e pelos grupos que se formavam e articulavam". ⁶⁶

Na realidade duas vertentes de ideias sacudiram a vida cultural do Nordeste na década de 1920: o *movimento modernista* e a "*pregação*" *regionalista*. A cidade do Recife, graças aos seus me-

64 Idem.

65 GOMES, Ângela de Castro. Op. Cit., 1993, p.70.

66 Idem.

canismos de difusão artística (centro econômico e cultural da região), tornou-se através do modernismo de Joaquim Inojosa e do regionalismo de Gilberto Freyre um centro intelectual, receptivo e irradiador, das novas vertentes estéticas no Nordeste.

Em Pernambuco o escritor Joaquim Inojosa⁶⁷ foi o responsável pela difusão do modernismo paulistano na região. Após visita a São Paulo em agosto de 1922, no qual conheceu vários artistas modernistas, entre eles Mário e Oswald de Andrade, Joaquim Inojosa começou a sua militância cultural com o objetivo de divulgar a chamada nova arte. Contudo, durante muito tempo o escritor pernambucano foi uma voz solitária. Entre 1922 e 1925, pouco mais de cinco ou seis escritores, em Pernambuco, aderiram ao chamado modernismo, e sofreram perseguições por parte dos chamados “passadistas”, aqueles autores mais apegados à tradição literária da época. Todavia, um convite realizado pela Revista *Era Nova*, da cidade da Paraíba, redimensionou consideravelmente a questão da recepção do modernismo no Nordeste.



ILUSTRAÇÃO 10: *Era Nova*, revista pioneira no modernismo na Paraíba. Fonte: *Era Nova*, nº1, Ano, 27 de Março de 1921.

67 Joaquim Inojosa (1901–1987) escritor e jornalista Pernambucano, responsável pela difusão do movimento modernista no Nordeste. Autor de diversos livros, entre eles: *A Arte Moderna* (Jornal do Comércio, 1924) e *História do Modernismo em Pernambuco* (Tupy, 1969).

Em 15 de maio de 1924, o editorial da revista indica Joaquim Inojosa como representante do periódico em Pernambuco. *Era Nova*, que circulava desde 1921, acolhendo escritores “novos” e “consagrados”. Mais tarde, a 24 de fevereiro de 1924, é a própria revista que, em editorial, chamado “Renovação literária”, aplaude os esforços de renovação iniciados em São Paulo. Houve o convite, e, segundo Noroaldo Pontes de Azevedo veio na hora certa. Assim, em 5 de julho Joaquim Inojosa envia a Severino de Lucena e Sinésio Guimarães Sobrinho, diretores da *Era Nova*, uma longa carta, aceitando o convite, mas formulando uma exigência: a revista teria que “acertar o passo com o modernismo”. Vejamos um trecho da carta:

Há nos arraiais da inteligência, atualmente, e como sempre houve em todas as épocas, uma nova geração que anseia por ideais novos. Sobretudo, já ergueu os olhos, para a meta entressonhada, em São Paulo, no Rio, Recife e Pará. A Paraíba não fugirá ao apelo que lhe faço de acompanhar-nos nesse esforço gigantesco e nessa luta sem tréguas para desapressar-se das velhas fórmulas da arte, num combate cavalheiresco, e, se necessário, desapiadado, á questão antiga.⁶⁸

Assim, em 1924, Joaquim Inojosa é indicado pelos dirigentes da revista *Era Nova* para representar Pernambuco. O escritor já havia residido na Paraíba durante alguns anos, fazendo diversos amigos, além de ter publicado seu livro de estreia, *Tentames*, volume de contos lançado em 1920. Por estas circunstâncias, os editores Severino de Lucena e S. Guimarães Sobrinho o escolheram como correspondente.

Segundo o próprio Joaquim Inojosa nos primeiros anos da década de 1920 “O Recife como todo se agitava em torno dos ideais literários e artísticos de sua mocidade, jovens empenhados no pro-

68 INOJOSA, Joaquim. *A Arte Moderna*. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1924, p.6.

longamento da Semana de Arte Moderna, em luta impiedosa pela implementação de uma nova ordem nas letras e nas artes”⁶⁹. Era o movimento modernista que Inojosa ajudava a difundir no Recife, de acordo com a colaboração de alguns outros companheiros.

Ao escrever aos dois diretores da *Revista Era Nova*, uma carta literária, publicada em 1924, com o título “A Arte Moderna”, convocando a Paraíba a aderir ao modernismo e apelando para que o periódico se transformasse na “Klaxon” paraibana⁷⁰, a fim de conduzirem os escritores do estado “às plagas renovadoras”, percebe-se claramente a forma arregimentadora com que Joaquim Inojosa empreende o seu coro. O escritor pernambucano considerava a capital paraibana a “metrópole mais intelectual do Norte do Brasil”, nos quais intelectuais como Álvaro de Carvalho, Carlos Dias Fernandes, Rodrigues de Carvalho, José Américo de Almeida, Coriolano de Medeiros, Américo Falcão, Eudes Barros, Ademar Vidal, Celso Mariz, Osias Gomes, Perilo de Oliveira, etc. se destacavam, sendo alguns nomes já reconhecidos nacionalmente na década de 1920.

Desta forma, a partir das adesões, a revista *Era Nova* se transformou em um reduto da literatura modernista, isto graças à influência de Joaquim Inojosa e a boa recepção advinda de um conjunto de escritores paraibanos que aderiram à nova estética, principalmente por um grupo de poetas, a exemplo de Perylo de Oliveira, Eudes Barros, Silvino Olavo, entre outros. Além disso, nomes já reconhecidos nacionalmente, expoentes do movimento modernista paulistano tornam-se colaboradores freqüentes da revista, a exemplo dos poetas Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida.

Todavia, segundo o crítico literário Hildeberto Barbosa Filho, o modernismo nas letras paraibanas só seria estabelecido de manei-

69 Idem, p.8.

70 Referência à revista *Klaxon*, marco do movimento, publicada pelos modernistas paulistanos entre os anos de 1922 e 1923, na cidade de São Paulo.

ra Consciente e consistente na década de 1960, com a formação do grupo *Sanhauá*, mais precisamente no ano de 1963, quando o poeta paraibano Marcos dos Anjos publicou o livro *Alguns Gestos*. Para Hildeberto Barbosa Filho tivemos realmente um movimento com algumas experiências de inquietação poética, sobremaneira por conta da repercussão do modernismo nos anos 1920, a exemplo dos já citados Perylo de Oliveira, Eudes Barros, Silvino Olavo e Sinésio Guimarães, sobretudo na capital paraibana, todavia para o mesmo autor "(...) os traços de modernidade, entrevistados em suas composições textuais, são, na verdade, traços isolados, resultados de um entusiasmo passageiro e não de uma consciência crítica face à necessidade de renovação da linguagem poética".⁷¹

Mais incisivo ainda é Gemy Candido, que realça que a Paraíba retardou durante décadas o processo de engajamento de sua literatura ao movimento modernista. Para o pesquisador o modernismo no estado "afora uma ou outra adesão aleatória, não passou de longínqua manifestação intelectual da qual se conhece apenas alguns princípios normativos, insuficientes para sensibilizar a nova geração"⁷² provenientes dos velhos quadros sociais, dos fazendeiros e senhores de engenho do interior do estado.

Acreditamos que as conclusões de Hildeberto Barbosa Filho e Gemy Candido são corretas, se observarmos que predominaram a lógica dos usos de recursos tradicionalistas na composição dos poemas e de outras artes. Por exemplo, mesmo com o movimento modernista em ascensão, predominou mesmo até a década de 1960, o parnasianismo e o simbolismo na poesia, com o soneto sendo o mais alto grau de recurso poético. Entretanto, tal constatação não invalida o nosso intuito de empreender uma incursão sobre as necessidades de transformação literária pensadas por um

71 BARBOSA FILHO, Hildeberto. *Sanhauá: uma ponte para a modernidade*. João Pessoa: Edições FUNESC, 1989, p.12.

72 CANDIDO, Gemy. *História crítica da literatura paraibana*. João Pessoa: Governo do Estado, 1983, p.64.

conjunto de jovens intelectuais de Campina Grande nas década de 1920 e 1930 num contexto de renovação cultural.

Mesmo não havendo uma repercussão imediata da Semana de Arte Moderna de 1922 na produção literária de Campina Grande, na década seguinte, sabemos da atuação de um grupo de jovens, como Lopes de Andrade, Milton Coura e Elias de Araújo, que souberam questionar alguns pressupostos da literatura local, empreendendo reflexões problematizadoras, que por mais isoladas que foram não deixaram de ser evidenciadas.

TENTATIVAS DE RENOVAÇÃO CULTURAL: O JORNAL “A FLÂMULA” E A JUVENTUDE MODERNISTA

A literatura modernista em Campina Grande segundo as fontes que conseguimos analisar chegaram através do jornalista Luis Gomes da Silva, poeta tradicionalista, mas com amizades entre os círculos literários da capital paraibana, entre eles os já citados Peryllo de Oliveira⁷³, Silvino Olavo⁷⁴, Órris Barbosa⁷⁵ isso se deu pelo fato de Luis Gomes ter residido na cidade de Parahyba durante alguns anos na década de 1920, onde foi repórter do jornal *A União*, órgão oficial do governo paraibano.

Segundo Hortênsio Ribeiro, em crônica, Luis Gomes da Silva, “o campinense de mais espírito da geração de Perilo de Oliveira, Severino Aires, Orris Barbosa e Eudes Barros. Jornalista nato, conversador imaginoso e sutil, sabendo como poucos fazer uma “blague”, sempre sublinhada por uma gostosa gargalhada”⁷⁶. Na realidade este espírito de geração que nos relata Hortensio Ribeiro, não é nada mais do que os escritores paraibanos que mais receberam a literatura modernista na capital paraibana entre as décadas de 1920 e 1930.

A prova disso é uma carta publicada por Joaquim Inojosa, em

73 Peryllo de Oliveira (1898-1930) – Poeta. Colaborou nas mais expressivas revistas e jornais da Paraíba na década de 1920, entre elas a revista *Era Nova*. Publicou: *Canções que a vida me ensinou* (Imprensa Oficial, 1925) e *Caminho cheio de sol* (Empresa Gráfica Nordeste, 1928).

74 Silvino Olavo (1896-1969) – Poeta e Jornalista. Formado em Direito em Recife, militou na política e na literatura, sendo um nome atuante na imprensa de João Pessoa. Autor dos livros: *Cisnes* (Brasil editora, 1924), *Esperança, Lírio verde da Borborema* (O Jornal, 1925), entre outros. Vítima de esquizofrenia, faleceu em Campina Grande.

75 Órris Barbosa . Jornalista e escritor paraibano. Publicou uma das obras mais importantes sobre o tema da seca no Nordeste: *Seca de 32: impressões de uma crise nordestina* (Adessen Editores, 1935).

76 RIBEIRO, Hortensio de Sousa, *Vultos e Fatos*. João Pessoa: A União, 1979, p.85.

1969, no livro *História do Modernismo em Pernambuco*, no qual Luis Gomes da Silva, em 1924, na época com apenas 26 anos de idade, remeteu de Campina Grande seu desejo para que o movimento modernista se efetivasse na capital paraibana:

Eu o felicito e mui cordialmente pelo triunfo que V. obterá com adesão dos representantes da moderna cultura daquela adorável Felipeia, que não ficarão emparedados no castelo espiritual da velharia, porque hoje renasce ao sopro magnífico desse entusiasmo revolucionário, que ainda há de fazer a grandeza do Brasil (in Carta ao A – Campina Grande (Paraíba, 20-7-924).⁷⁷

Desta forma, foi Luis Gomes da Silva como editor do jornal *O Século*, entre os anos de 1928 e 1929, que abriu as portas para a literatura modernista em Campina Grande já na década de 1920. No nº 6, de 25 de Agosto de 1928, do jornal citado, identificamos duas produções que enfatizam esta questão. A primeira é um poema, intitulado “Poema inutilmente lírico”, da autoria de Orris Barbosa. O segundo foi um artigo, intitulado “Branco e Negro”, de Silvino Olavo. Vejamos primeiramente o que indica as questões modernas contidas no poema:

A lua mesmo pronta e lavada pra um soneto
Derrama braquidão do arvoredado.
Terna noite

Meu amor nem sabe que estou olhando pra lua bonita.
Nem sabe que estou sismado.
Nem sabe que estou lavando a alma ao lirismo.
Nem sabe o meu amor que a lua bonita e farta de brancura
É um motivo pra eu pensar que sou poeta,
Ora eu ficar gostosamente inútil
Na terna noite enluarada
Longe da noite voluptuosa de seus olhos...⁷⁸

77 INOJOSA, Joaquim. *História do Modernismo em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Tupy, 1969, s/p.

78 BARBOSA, Orris. Poema inutilmente lírico. *O Século*, Ano I, nº6, 25 de agosto de 1928, p.3.

O poema em questão mesmo trazendo uma intensa carga de sentimentalidade, de romantismo, e, portanto, de conservadorismo temático, é produzido segundo as normas da poesia moderna: versos livres, sem metrificacão ou rima. Além disso, outro aspecto modernista pode ser elencado: “a metapoesia”. Orris Barbosa expressa o próprio processo de feitura do poema, refletindo a sua posição de poeta ao ressaltar suas intenções diante do poema.



ILUSTRAÇÃO 11: *Flâmula*, jornal modernista de Campina Grande. Fonte: *Flâmula*, nº1, Ano I, 11 de Novembro de 1934.

No ensaio *Branco e Negro*, Silvino Olavo inaugura um tema caro à discussão do modernismo no Brasil, a questão racial, trazendo uma abordagem inovadora para a época: a importância da

cultura negra para a produção da identidade nacional, já indicando a teoria da “democracia racial”, isso um ano antes do lançamento do clássico *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, livro-para-digma desta discussão no Brasil:

Podia ser também: Claro-escuro. O leitor, querendo, pode mudar indiferentemente. “Branco e Negro” ou “Claro-escuro”.

Da física para o clinica esta a diferença entre mistura e combinação... aqui, neste esboço sintético- etnográfico, é mais ou menos identifico o fenômeno. Vejamos: Na América do Norte há brancos e negros, sem mistura. No Brasil há combinação de branco e negro.

Por lá, segundo a previsão de Monteiro Lobato, há de haver choque. Para cá vai havendo uma fusão encantadora, uma deliciosa orientação de claro-escuro.

Por lá, talvez haja outra guerra de sucessão.

Por cá não haverá senão uma harmonia cada vez mais nítida para o moreno.

A nossa raça é colorida como a arazoia das indígenas românticas.

Nossa literatura também: Castro Alves e Luis Gama, Olavo Bilac e Cruz e Sousa...

Conhecem a história de Luis Gama?

A vida do nosso primeiro poeta negro, fica entre a história e a legenda.

Não há drama mais original nem gloria mais comovente de claro-escuro.

Sua mãe era um bibelot de ébano. A mais linda pretinha que da Líbia nos veio.

Seu pai – o mais hediondo dos fidalgos portugueses.

Dela herdou tudo: a cor e a rebeldia do temperamento.

Dele herdou apenas a desgraça de não poder-lhe revelar o nome, num gesto sobre piedade filial.

Livre, porque livre era o ventre de sua mãe, foi vendido na Bahia pelo próprio pai que o trouxera aos braços até a idade de dez anos.

No mercado de negros do Rio de Janeiro foi classificado “refugo” por sua procedência baiana.

O pai do Conde de Três Rios não o quis, mas, o Conde, anos depois, orgulhava-se de receber o poeta Luis Gama em seus salões.

Fez-se poeta satírico (quem não conhece a Bodarrada?) jornalista, tribuno e advogado.

Teve os sofrimentos mais humilhantes e a gloria literá-

ria mais orgulhosamente adquirida.

Só não teve a fortuna de narrar esta historia á sua linda mãe – pretinha de quem nunca mais soube noticia, desde o dia em que, iludido pelo seu desentranhado pai, ficara chorando no porão daquele navio negroiro.

79

Percebam que Silvino Olavo defendeu a ideia que a mistura das várias raças no Brasil trouxe algo positivo, harmonioso, colorido, diferente da experiência dos Estados Unidos da América. Nossa diversidade cultural seria um traço característico de uma nação diferenciada. O artigo é embasado no ponto de vista de Monteiro Lobato, escritor que combateu o movimento modernista de 1922, porém com uma obra que trazia muitos dos postulados deste mesmo movimento, como a proposta de valorizar a nossa própria diversidade cultural.

Desta maneira, identificamos mais uma pista sobre como o modernismo operou em Campina Grande, pouco tempo depois da Semana de Arte Moderna e quem foram os seus divulgadores aqui. Todavia, o movimento modernista só se difundiu de maneira mais ou menos consciente a partir dos anos 1930, mais precisamente no ano de 1934, quando encontramos em nossa pesquisa evidências fortes de uma recepção mais ativa à literatura moderna na cidade, através de dois periódicos publicados: *A Flâmula (1934)* e *Evolução-Jornal (1934-1935)*.

Nos dois jornais, um grupo de jovens escritores, Antônio Moraes⁸⁰, Milton Coura⁸¹, Lopes de Andrade⁸², Elias de Araújo⁸³, José

79 OLAVO, Silvino. Branco e Negro. *O Século*, Ano I, nº6, 25 de agosto de 1928, p.3.

80 Antonio Moraes foi poeta, jornalista e livreiro. Publicou o livro “Vi, Ouvi e Senti: crônicas da vida campinense e outras narrativas. Considero o poeta precursor do modernismo em Campina Grande.

81 Não conseguimos informações sobre o poeta.

82 Já perfilamos este personagem anteriormente.

83 Não conseguimos informações sobre o poeta.

Pedrosa⁸⁴, são alguns destes jovens, resolveram se apropriar dos preceitos da literatura modernista, incursionando neste modelo estético e ao mesmo tempo combatendo aqueles que eram contra as transformações da linguagem (principalmente na poesia).

De todos os modernistas que encontramos na década de 1930, nenhum escritor conseguiu expressar tão bem as ideias deste movimento como foi o poeta Tacape Júnior, nome que aparenta ser um pseudônimo. No *Evolução-Jornal*, este poeta lançou cerca de 10 poemas, que expressaram os elementos do modernismo. Vejamos, de início o poema intitulado “Menina da Metrôpole”:

Na sinfonia
Barulhenta da cidade
Caminha, a passos miúdos,
Nos seus passeios cotidianos,
Essa envolvente deidade
- mais garota que mulher,
Ora beijada pela luz morena do sol,
Ora se acostando à sombra
Dos simétricos arranha-céus
Em linhas paralelas e verticais
As calçadas das ruas vibrativas
Abrindo, às vezes, funda cavidade
Ao zig-zag rumoroso dos autos
E a nevrose das criaturas
Que tumultuam, de roldão,
No meio da pulsação
Secular da cidade cosmopolita.

A tudo
- a toda a congestiva variedade
De trajetórias sucessivas
E de mil risos estrepitosos;
Vividos na confusão
De notas musicais,
Cuadas pelas vidraças opacas
Dos dancings cubistas
E dos broad-castings estilistas
A hot girl da grande Cidade
Não é diferente...

Todos os dias,
Ela filma, no Time Square,
O vae-vem analítico
Dos taxis que se cruzam
Arrogantes e vertiginosos
Entre a multidão delirante.

E na orquestração
Da vida agitada da Cidade,
Ela vive os seus romances
E os seus flirts frívolos
Que tem a mutação
Análoga de um Fox irrequieto
Bem sacudido e espalhafatoso,
Que os jazzs new-yorkinos
Tocam no ventre da Cidade
De chaminés descomunais. ⁸⁵

O poema é carregado pelos temas modernos. A mulher *moderna* no contexto de uma cidade *moderna*, uma metrópole de vida intensa, de simétricos arranha-céus, de ruas vibrantes, com automóveis e pessoas nervosas, num contexto industrial de uma Nova York idealizada. Nesta mesma linha, o poeta Tacape Júnior publica no mesmo *Evolução-Jornal* o poema “Arranha-céu”, recaindo no enfoque da urbanidade, da cidade-tensão, do ritmo acelerado e descontínuo, da vida “concreta”, humanizando os prédios da metrópole:

- caixão espigado e comprido,
Erguido de cimento armado
E com rijas de ferro,
Esguio e fincado no céu,
No grande egoísmo impossível
De ser sozinho e, magestoso,
Vive sizudo e orgulhoso
Com ares de coisa temível
Flirtando o imenso véu
Que não acolhe o maior serro
E, menos, um caixão delgado
E de céu a dentro metido. ⁸⁶

85 JUNIOR, Tacape. Menina da metrópole. *Evolução-Jornal*. Ano I, nº3, 19 de Agosto de 1934, p.3.

86 JÚNIOR, Tacape. Arranha Céu. *Evolução-Jornal*. Ano I, nº 4, 16 de Setembro de 1934, p.4.

O jornal *Evolução*, órgão oficial do *Centro de Cultura 7 de Setembro*, instituição dos alunos do Instituto Pedagógico, tornou-se neste sentido um espaço aberto para difusão da literatura modernista, expressando em suas páginas os anseios de uma juventude, que vivenciava um processo de transformação urbana, que acabou demarcando mudanças nos sentidos de produzir literatura.

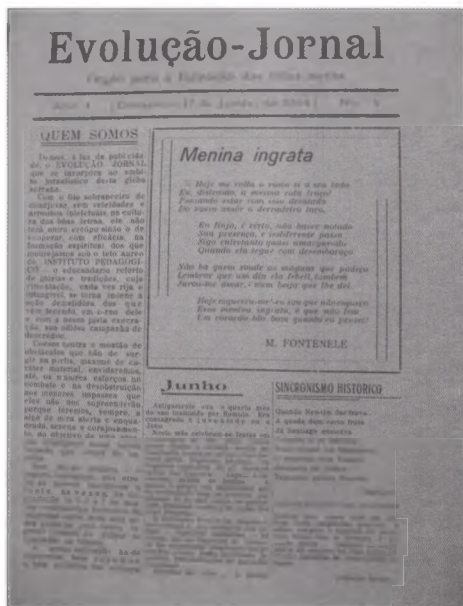


ILUSTRAÇÃO 12: *Evolução-Jornal*, outro periódico divulgador do modernismo em Campina Grande. Fonte: *Evolução-Jornal*, Ano I, nº 1, 17 de junho de 1934.

Entretanto, mais do que o *Evolução-jornal* foi *A Flâmula* o periódico com características mais fortes de vanguarda cultural. Publicado em dois números, e editado por quatro jovens: Antonio Moraes, Paulo Brasil, Milton Coura e Lopes de Andrade, os textos presentes no jornal foram produzidos numa linguagem diferente dos demais periódicos campinenses da época. As temáticas escolhidas, os textos publicados têm um alto teor modernista. Os poemas são constituídos por versos livres, a semelhança muitas vezes de textos em prosa. Chama atenção o fato de todos os textos estarem em caixa baixa.

O jornal, impresso na *Editora Nordestina*, em Campina Grande, foi publicado nas datas de 11 de Novembro (1º Número) e 8 de Dezembro (2º Número) de 1934, trazendo o seguinte editorial no seu primeiro número do periódico:

não fiseimos um jornal noticioso, mas publicaremos sempre as noticias que nos chegarem as mãos, fresquinhas.

tão pouco teríamos a intenção bem triste de fase-lo político, porem sem isso querer dizer que lhe temos ogerisa, uma vês que, sempre que acharmos conveniente, faremos também a nossa politicasinha...

a qualquer credo religioso, porem só o sentimento de responsabisando, entretanto, pelas ideias filosóficas, manifestadas pelos nossos colaboradores em artigos devidamente assinados.

em definitivo, o nosso jornal será de aproveitamento cultural da mocidade.

mesmo sob a orientação de rapases, pode le-lo também qualquer senhorita ou ancião, na certesa de que não terão desagradáveis encontros com os artigos do Dr. José de Albuquerque ou os retratos de Stalin.

vale.

A direção ⁸⁷

Este “aproveitamento cultural da mocidade” fica evidente ao longo dos textos que vão sendo publicadas no periódico, entre crônicas, notas, pequenas reportagens, mas, sobretudo, poemas. Um deles nos chama atenção por sua instigante manchete: “milton cou-ra escreveu para o departamento metálico do modernismo”. O poema a seguir traz realmente elementos verdadeiramente modernos, como a descontinuidade, vejamos:

bonecos...

o boneco de aço
tomou conta do mundo
e botou o outro para fora.

87 A finalidade. *Flâmula*. Ano I, nº1, 11 de Novembro de 1934, p.1.

e' ficou olhando
o boneco metálico fabricar
uma comida danada de gostosa
e uma roupa danada de bonita.

o dono do boneco mecânico
chamou o para comprar
mas como faltava dinheiro...

é por isso que
o dono do boneco de aço
não pode vender
e o boneco metalizado,
endinheirado.

o boneco cx lado sonhou
que havia uma terra
onde ele era igual
ao dono do boneco de aço
e este escravo deles

se aqui fosse assim...

e d's deste dia
que ele ficou com vontade
de transformar isto aqui
na terra de seu sonho. ⁸⁸

O poema traz uma temática “exótica”, ou não muito convencional, narrativa e confusa quanto à abordagem. O texto refere-se a um “boneco metálico”, feito de aço, e que teria expulsado o boneco convencional, ou seja, o de madeira ou pano. A modernidade presente no texto esta além da própria abordagem do autor, mergulhado num universo metálico e antinatural, mas também no formato do poema, demarcado pelos versos livres, sem métrica, ainda com ritmos falhos, titubeantes e semelhantes a um texto em prosa. Boa parte dos poemas publicados nos dois números do jornal *Flâmula* tem esta característica.

88 COURA, Milton. Bonecos... *Flâmula*. Ano I, nº1, 11 de Novembro de 1934, p.1.

Uma mostra expressiva de que o grupo de editores do jornal estava sintonizado com a produção literária modernista brasileira, são os textos de José Pedroza e Antonio Moraes, dois poetas, que na época eram livreiros na cidade de Campina Grande. No texto, chamado “*A literatura regional*”, da autoria de José Pedroza, é pintado um quadro de referências que incluem influências modernistas, sejam elas nordestinas ou paulistanas. Vejamos:

após o movimento bélico de mil novecentos e trinta, que revolucionou todo o país, a literatura regional tornou-se a essência dos escritos brasileiros.

a idéia de modernizar o espírito de nossa literatura, partiu do grande e saudoso escritor graça aranha, desde mil novecentos e vinte.

acompanho-o neste movimento modernista literário: Jorge de lima, Manoel bandeira, Mario Andrade e outros. a academia não abraçou, como devia, as sugestões apresentadas por graça aranha.

graça aranha, a todo momento, tirava a conclusão que, a literatura romântica, sentimentalista, que há muito dominava o espírito culto brasileiro, não seria um dia, a glória do Brasil literário.

e sim a literatura naturalista a literatura positiva, a literatura regional.

logo depois dessa campanha literária aparece o romance de José Américo, a bagaceira.

num estilo completamente regional.

um romance escrito na linguagem da nossa região brejeira.

a princípio, a crítica não lhe foi favorável.

houve, de certo, um movimento crítico-literário em de redor, a bagaceira.

pareceu dormir a literatura regionalista.

até que acordou.

hoje, já lemos lins do rego, jorge amado, graciliano ramos, amando fontes e outros mais.

a literatura regional dia a dia, vae cahindo na simpatia do brasileiro ledor.

ao ler-se uma brochura desses modernos escritores sentes-se... quer que seja de uma alma ...

ouve-se o grito de revolta do homem do campo, do trabalhador da rua, no seu falar rude e inculto contra a injustiça.⁸⁹

89 PEDROZA, José. A literatura regional. *Flâmula*. Ano I, nº1, 11 de Novembro de 1934, p.2.

Percebe-se a perfeita sintonia das leituras realizadas por José Pedroza de autores destacados no período, como o modernista Graça Aranha, e dos chamados regionalistas nordestinos José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Graciliano Ramos, entre outros. O poeta percebe as transformações ocorridas na literatura brasileira a partir dos movimentos modernistas e regionalistas, no que se refere à valorização da chamada “alma brasileira”.

Contudo, de todos os textos, o autor que mais se aproxima de uma postura modernista, de renovação literária, é indiscutivelmente o poeta Antonio Moraes. Profundamente irônico e sarcástico, o autor impregna nas páginas do jornal *Flâmula*, através dos artigos “Os Jazzistas” e “Os Novos”, respectivamente publicados nos números 1 e 2 do jornal, um discurso de críticas contundentes aos chamados “passadistas”, salientando as suas deficiências e limites e pregando uma mudança vertiginosa em nossas letras.

No artigo “Os jazzistas”, Antônio Moraes escreve: “mais um jornal na terra, um jornal novo, de gente nova, um periódico literário que pretende seguir os novos destinos da literatura moderna, na sua direção tem alguma “creanças” que ainda “choram” sem motivo...”⁹⁰, alusão sarcástica aos poetas que consideram a poesia como uma maneira de expressar sentimentos, apenas, sem um cuidado com os recursos da linguagem poética. Mais a frente o autor afirma: “dirão muitos os modernistas são deturpadores da arte pelo contrário, são os renovadores da arte são os que procuram sensações novas para agradar ao homem insatisfeito da atualidade”.⁹¹

A marca da renovação se estende por todo o texto, em sintonia com as ideias proferidas pelos modernistas paulistas uma década antes: “a fogueira da próxima hecatombe queimará os restos

90 MORAES, Antonio. Os jazzistas. *Flâmula*. Ano I, nº1, 11 de Novembro de 1934, p.4.

91 Idem.

mortais do passadismo. o bom em poesia deixou de ser um homem torturado pela saudade e pelo amor, o apito das fábricas calou a voz do sabiá”.⁹²

No artigo “Os novos”, Antônio Moraes dialoga diretamente com o pensamento social, quando afirma: “a dialética social influe consideravelmente, na formação intelectual da mocidade contemporânea, antes do golpe de outubro, não existiu no Brasil, a atmosfera febril que existe hoje em dia nos círculos estudantinos, com relação ao momento social que empolga a humanidade”⁹³. No final, citando o poeta Castro Alves escreve: “e assim os novos sonham, como Fourier, o momento da fraternização humana ante o esplendor da alvorada universal”.⁹⁴

Contudo, de todos os textos publicados no período nenhum traduz melhor este momento de ascensão do modernismo em Campina Grande do que o texto: “O sentido moderno da Literatura Campinense”, de Lopes de Andrade, publicado no *A.E.JORNAL*, de 30 de Outubro de 1934. Com um repertório conceitual, típico de um combatente dos escritores considerados passadistas o jovem começa afirmando que: “uma análise bem feita na literatura da terra vale por uma verdade com que pouca gente concorda – é a conclusão de que o modernismo absorveu, de uma só vez por todas, a arte passadista, entre nós”⁹⁵. Depois disso, Lopes de Andrade vai em direção aquele que, na época, era considerado o principal nome da poesia em Campina Grande:

Mauro Luna – é verdade – continua sendo o que sempre foi, o maior poeta conterrâneo. Mas Antonio de Moraes e Elias de Araújo são, inegavelmente, muito lidos. Isso prova que a cidade cedeu todo o terreno á

92 Ibidem.

93 MORAES, Antonio. Os novos. *Flâmula*. Ano I, nº2, 8 de Dezembro de 1934, p.2.

94 Idem.

95 ANDRADE, Lopes de. O sentido moderno da literatura campinense. *A.E.JORNAL*, Ano I, nº9, 30 de Outubro de 1934, p.5

inovação que ora domina quase todos os setores da literatura no país.⁹⁶

Típico dos combatentes, Lopes de Andrade, analisa a dialética “passadismo x modernismo”, colocando mais uma vez Mauro Luna, poeta parnasiano, como modelo passadista, contra “um hoje”, expressado pela nova geração da qual o jornalista fazia parte ativamente: “Em Mauro, a maior figura intelectual da fase passada, sobram arrojados de uma arte grandiosa, mas que, infelizmente, preferiu engaiolar-se no seu egoísmo à deixar identificar à mentalidade moderna, mais ampla e de menos preconceitos do que a passada”.⁹⁷

O autor do artigo indica Antônio Moraes como o inaugurador da arte modernista na cidade de Campina Grande, atribuindo a seu nome uma importância para a literatura da cidade naquele momento:

Em Antonio Morais – o iniciador da arte moderna na cidade – vê-se, no contrario, um desprendimento bem-fasejo, facilmente assimilável. Quero mostrar com a observação porque foi o passadismo absorvido pelo modernismo – a simples razão histórica do primeiro não querer ou não achar conveniente amoldar-se ao espírito da época, quando o passadismo não foi outra coisa, sinão resultado histórico também de outra época e, por conseguinte, perfeitamente substituível, como o Sr. Getúlio Vargas, ou mesmo o eminentíssimo Sr. Borges de Medeiros...⁹⁸

Depois de “cutucar” Mauro Luna, que representaria uma espécie de cânone da literatura local e exaltar a importância de Antônio Moraes para as letras campinenses, Lopes de Andrade, agita com suas palavras, criticando outros nomes da literatura da “Rainha da Borborema”, entre eles Antônio Telha⁹⁹, Murilo Buarque e Cristino

96 Idem.

97 Ibidem.

98 Ibidem.

99 Antonio Telha nasceu em São Lourenço da Mata, Pernambuco em 25

Pimentel¹⁰⁰, pregando desta forma a necessária renovação:

O crepúsculo da arte clássica, entre nós, foi iluminado pelos raios da inteligência de Iracema Marinho.

Samuel Simões achou prudente afogar a musa dentro dos lucros e perdas da firma José de Brito & Cia. Anésio Leão fez uma arribada celebre para os sertões. Antonio Telha trocou os seus chatíssimos ratos pelos balancetes da Prefeitura; o ilustríssimo Sr. Poeta pasadista Jaime de Santiago, a quem o vate das caveiras fez questão de chamar “mau discípulo” e o Sr. Pozzoli bateram a linda plumagem da cidade. Pimentel, vendo-se só, apresentou-se então, de moto própria, diante da desistência heróica dos gabinetanos, seus contemporâneos.

A cidade deixou, então, de beber inspiração nas águas de Castalia para se contentar aqui mesmo com os frescos de Cristino.

Fez-se a mentalidade nova. Altamiro Cunha, da Revista MODERNA, é um grande responsável pelos maus xaropes modernistas que o prof. Mauro esta na obrigação de tolerar, de quando em quando. Aloizio Campos, Humberto Cavalcanti, Antonio Moraes, Elias de Araújo – foram essas as inteligências que difundiram, pela primeira vez a literatura nacionalista na cidade. ¹⁰¹

E assim identificamos textos, entre contos, poemas e artigos, destes jovens que na época tiveram a ousadia de questionar os nomes já firmados no campo literário local, como fez Lopes de Andrade. O que demonstra claramente, que houve sim, uma tentativa de movimentação cultural, dentro do campo das letras locais, em

de setembro de 1891 e faleceu em 1 de fevereiro de 1953. Foi poeta e contador.
100 Cristino Pimentel nasceu em Campina Grande em 22 de julho de 1897, faleceu em 1971. Iniciou sua vida profissional como tipógrafo do *Correio de Campina*. Foi comerciante, caixeiro viajante, trabalhando em diversos municípios. Estabeleceu-se em Campina Grande com *A Fruteira* no ano de 1928 e foi fundador de associações literárias, a exemplo do Clube Literário de Campina Grande, em 1947. Publicou os seguintes livros: *Dois Poetas* (Livraria Pedrosa, 1950), *Pedaços da História da Paraíba* (Editora Teone, 1953), *Abrindo o Livro do Passado* (Editora Teone, 1956) e *Pedaços da História de Campina Grande* (Livraria Pedrosa, 1958) e *Mais um Mergulho na história Campinense* (Edições Caravela, 2001). Esta última, uma obra póstuma.

101 Ibidem.

sintonia com outras cidades do período.

No jornal *Voz da Borborema*, de 20 de Novembro de 1937, Adauto Rocha, em um artigo intitulado “Mais vale a substância do que a forma”, apresenta os indicadores da produção literária a partir das transformações inseridas naquele momento: “A tendência literária do espírito contemporâneo tem se acentuado, sensivelmente, no sentido da maior simplicidade, na redução possível quanto a maneira geral e particular de um escrever”¹⁰². E reflete: “Vê-se que, certo tempo pra cá, os escritores modernos não se tem impressionado com a forma rotunda do linguajar túrgido e empanturrado de expressões e figuras metafóricas rebuscadas”¹⁰³. O mesmo articulista percebe a contribuição que o jornalismo deu para estas mudanças:

Aqueles, cujo início literário se firma, antes de tudo, sobre as mesas redacionais dos periódicos, apresentam, sempre, uma feição e uma técnica todas especiais nos escritos e nas obras que, porventura, produzam.

O jornalismo, segundo a sua estilização desprezenciosa e colorida, tem a faculdade, virtualmente plasmadora, de orientar, na arte de escrever, o senso literário, que cristaliza, gradualmente, na razão da espontaneidade e da simplicidade.

Machado de Assis, Humberto de Campos, para não citar outros, constituem, nesse particular, um exemplo flagrante e real do que aludi, porque as suas obras, vazadas todas num estilo natural, principalmente em se tratando do imortal autor do Dom Casmurro, lidas tem elas um sabor agradável e objetivo das expressões singelas e desempoladas.

A adjetivação, o abuso dos advérbios, o emprego, repetido, das gerundiais, tudo isso tem desmerecido, grandemente, os trabalhos de certos escritores que outra coisa não tem em vista, senão a forma do arranjo psicológico.

O sentido coetâneo da literatura nova, bem amoldada como está, estilisticamente, à técnica do jornalismo, já

102 ROCHA, Adauto. Mais vale a substancia que a forma. *Voz da Borborema*, Ano I, nº38, 20 de Novembro de 1937, p.3.

103 Idem.

vem dominando, dalguma sorte, grande número dos escritores brasileiros desta última geração intelectual. Raros são, pois, os escritores dotados desse admirável *sensus* sintético do pensamento humano, que tem o poder de contornar, num estilo simples e numa construção reduzida de sentenças, premissas variadas no âmbito de poucos períodos.

Na época de vertigiosidade, sob todos os sentidos, em que vive, presentemente, a humanidade, tudo marcha para o abreviamento, mais, um escritor que não escreva multa paucis.¹⁰⁴

Portanto, entendemos que a década de 1930 é inaugurada com mudanças significativas na produção literária campinense. Por outro lado, estas mesmas mudanças não se demonstraram contínuas e consolidadas. Pelo contrário, ao conhecermos da produção literária local durante as décadas seguidas a 1930, perceberemos que continuaram os escritores que seguirem o modelo anterior, sem que isso interferisse na produção de maneiras diferentes de compor.

Com efeito, as personalidades das mais variadas e diversas escolas literárias mantinham uma relação por demais próxima, o que tornava difícil o surgimento de um movimento real de ruptura, em termos de arte, com os padrões estabelecidos por uma vanguarda, como ocorreu em São Paulo e no Rio de Janeiro. O universo literário da cidade, nas cinco primeiras décadas, é quase dominado pela produção da escola parnasiana e simbolista, isso no que se refere à poesia. A ficção, a produção mínima não possibilita uma análise profunda.¹⁰⁵

No que se refere ao grupo de escritores de Campina Grande, vinculados as propostas do movimento modernista na década de

104 Ibidem.

105 Excetuando alguns contos esparsos não identificamos uma cultura de produção de ficções em Campina Grande. Algo que só ocorrerá a partir dos anos 1960 e 1970 com autores como Severino Bezerra de Carvalho, Ricardo Soares e Fernando Silveira.

1930 ligados a alguns periódicos, entre eles a *Flâmula*, compreendemos que ele era constituído por um conjunto de intelectuais de vanguarda que tinham objetivos e vivências de renovação literária. Constituído por uma espécie de unidade coletiva real, os componentes deste grupo, homens jovens, vivenciaram experiências numa mesma cidade, tinham contatos frequentes, objetivos comuns bem definidos e relações afetivas, o que explica o fato de dividirem em muitas situações as editorias de vários jornais no período.

Porém, tal movimento campinense não teve conexões diretas com o movimento modernista de João Pessoa e Recife, não havendo uma inspiração direta da Semana de Arte Moderna de 1922, ocorrido em São Paulo. Isolado, descontínuo, de todos os nomes, apenas Lopes de Andrade tornou-se um nome ainda envolvido e com diálogos com o modernismo nacional, mesmo assim de maneira indireta, sem combates, participando inclusive dos círculos intelectuais dos quais os passadistas participavam. Os outros nomes praticamente sumiram. Poucos participaram ou deram continuidade as suas atividades literárias. Antonio Moraes, José Pedrosa, se dedicaram pouco à poesia, sendo livreiros conhecidos na cidade, mas sem incursões significativas na arte poética.

A hipótese fundamental da pesquisa é que o grupo ligado ao jornal *Flâmula* constituído pelos jovens Elias de Araújo, José Pedroza, Lopes de Andrade, Milton Coura, José Brazil, entre outros, formaram entre 1934 e 1936, ou seja, durante poucos anos, um grupo social definido:

(...) uma unidade coletiva real, mas parcial, diretamente observável e fundada sobre atitudes coletivas contínuas e ativas, tendo uma obra comum a realizar; unidade de atitudes, de obras, de condutas que constitui um quadro social estruturável, tendo a uma coesão relativa das manifestações das sociabilidades. ¹⁰⁶

106 DIAS, Fernando, Op. Cit. 1971, p.146.

Este grupo atuou não apenas no jornal *Flâmula* (onde desenvolveram seus postulados numa tentativa de refletir sobre as necessidades de mudança na literatura campinense), mas em outros periódicos, como o *A.E. JORNAL* (1934), *Extra* (1934), *Evolução-Jornal* (1934-1936), *O Paulistano* (1934-1936), sendo redatores, diretores ou simplesmente colaboradores destes órgãos de imprensa.

A Semana de Arte Moderna não teve realmente uma repercussão imediata em Campina Grande. Por outro lado, alguns dos jovens escritores residentes na cidade e interessados em literatura se impressionaram com o acontecimento, mediante as informações que receberam algum tempo depois. Tal influência, entretanto não foi causada por uma relação, uma vinculação direta, criada por correspondência ou troca de informações, como em Pernambuco ou Rio Grande do Norte, quando respectivamente Joaquim Inojosa e Câmara Cascudo, construíram um diálogo com os grupos modernistas do sul do país, através de cartas ou publicações coletivas. A repercussão se deu principalmente a partir das ações de um grupo, que vendo o contexto das letras campinenses, se viu necessitado de questionar os modelos tradicionais de produção literária local.

O MODERNISMO EM CAMPINA GRANDE: ENTRE ADESÕES E RESISTÊNCIAS

Entendemos que Campina Grande seria uma comunidade oscilante entre o novo e o tradicional, assim como o provincianismo e o cosmopolitismo, todavia as práticas literárias evidenciadas aqui possuem elementos mais tradicionais do que vanguardísticos. A indiferença e a complacência parecem ser atitude bastante comum em todos os lugares cuja literatura moderna se expressou. Houve os adeptos e os críticos, mas os indiferentes também participavam deste contexto, dando razão muitas vezes com os seus silêncios aos últimos. Entusiasmo passageiro, traços isolados, realmente tais características podem ser colocadas quanto à tentativa de renovação literária em Campina Grande, como observamos, principalmente através da imprensa ao longo dos anos 1930.

Já percebemos que o modernismo na Paraíba foi uma realidade principalmente experimentada na cidade de João Pessoa. Na Revista *Correio das Artes*, de 25 de dezembro de 1949, o escritor paraibano João Lélis, realizou uma retrospectiva da poesia moderna na Paraíba, enfatizando sua importância no contexto das transformações literárias brasileiras:

A poesia moderna surgiu na Paraíba num só impulso, subitamente, e firmou-se. Isto foi lá pelos idos de 1922, quando no sul o sopro modernista, em dado momento, esbatia pelas chapadas e morros literários como aqui no Nordeste faz o Aracati nas noites estivais e quentes. Firmou-se primeiro como poesia exaltante, virtuosa, quase verde-amarelismo, com clamores de marcha patriótica, percutindo as cordas vibráteis do nosso impersonalismo brasileiro ou da nossa brasilidade despersonalizada. Era aqui um reflexo sem jaças opacas do que os teólogos na nova forma e do ritmo estranho que encontrou o seu deísmo em “Essa Nega Fulô” faziam prevalecer na cruzada iniciante. O debate dos poetas intrépidos da Paraíba se faz com vestimentas

atrevidas, quase idênticas aquela casca de banana da cançazinha existencialista do ultimo carnaval. (...) ¹⁰⁷

Apesar dos exageros de João Lélis, percebe-se que Paraíba já nos primeiros meses ou anos após a Semana de Arte Moderna, já se incluía no mapa das transformações da literatura brasileira, sendo alguns dos seus intelectuais seguidores da poesia moderna, o que explica, por exemplo, na historiografia brasileira, a referência da Revista *Era Nova*, entre as “inúmeras revistas e jornais literários (...)” que assinalaram a repercussão do modernismo nos estados brasileiros”. ¹⁰⁸

Mesmo assim, não foram poucos os que se tornaram combatentes da literatura moderna, na época de sua repercussão, ou mesmo durante o processo de difusão através da imprensa. Na Paraíba, destacaríamos o nome do jornalista e escritor Ascendino Leite ¹⁰⁹. Resultado de uma série de artigos publicados no jornal *A Imprensa* em Agosto de 1939, o intelectual publica o livro *Estética do Modernismo*, no mesmo ano no qual, “sem maiores pretensões literárias” ¹¹⁰, pretendeu refletir a concepção do modernismo a partir das observações de Tristão de Athayde¹¹¹. Para este último crítico literário: “(...) o modernismo morreu. Ou antes, foi ultrapassado. Mais do que uma corrente literária foi um ambiente e um estado de

107 LÉLIS, João. Considerações sobre Poesia. *Correio das Artes*, João Pessoa, Ano I, nº4, 25 de Dezembro de 1949, p.11.

108 TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p.11.

109 Ascendino Leite (1915-2010), romancista, jornalista e memorialista, natural de Conceição de Piancó, sertão da Paraíba. Publicou dezenas de livros, entre eles *O Brasileiro* (Romance), *As Coisas Feitas* (Jornal Literário). *Estética do Modernismo* apesar de ter sido publicado no estado da Paraíba teve repercussões em todo o Brasil. Nomes como Wilson Martins e Tristão de Ataíde chegaram a comentar a ousadia do escritor paraibano.

110 LEITE, Ascendino. *Estética do modernismo*. João Pessoa: A Imprensa, 1939, p.3.

111 Nome como ficou conhecido o crítico literário carioca Alceu do Amoroso Lima.

espírito”.¹¹²

De acordo com Ascendino Leite: “O que no modernismo se conheceu ou se pretendeu impor como fundamentos foram, precisamente, a ruptura com o passado, a renovação das formas estéticas, a liberdade de ritmos, a guerra ao academicismo e a retórica clássica, um culto mais decisivo pela filosofia do que pela literatura”¹¹³. Neste sentido, para o escritor paraibano o modernismo pecou pelo excesso e pela extravagância. Sendo um movimento marcado por sua notável sequência de erros e despropósitos, de dúvida e incompreensão. “A estética do modernismo arbitrário foi ao extremo dos tipos meúdos na confecção de livros, revistas e jornais e ao plebeísmo desbragado na linguagem e no estilo”.¹¹⁴

Excessos invadiram os domínios da arte gráfica: “neste particular, a revolução foi radical. Os poetas iam à excrescência das letras minúsculas, começando períodos depois de ponto-final. Aboliu-se a letra maiúscula não se soube o porquê”¹¹⁵. Ascendino Leite combate este grande ódio pelo passado, seguido pelos modernistas:

Mas o que havia de debilitar o modernismo não era precisamente esse arbitrário sentimento do novo contra o clássico, senão a variedade de temperamentos individuais que, dentro de sua repercussão, teria de transformá-lo num movimento contraditório e, por vezes, profundamente ilógico.¹¹⁶

Na organização de um modelo estético, com regras fixas, demarcadas por um programa anti-passadista: ausência de rimas, falta de métrica, exageros nos ritmos, ideias e associação de ideias, desprezo por desfechos bonitos. Para Ascendino Leite “Era a intolerância na imbecilidade”.¹¹⁷

112 Idem, pp.3-4.

113 Ibidem, p.5.

114 Ibidem, p.7.

115 Ibidem.

116 Ibidem, pp.11-12.

117 Ibidem, p.12.

Embasado em Tristão de Athayde, que subdividiu o movimento modernista em seis tendências ou correntes (dinamista, primitivista, nacionalista, espiritualista, sentimental e a independente), Ascendino Leite chega à conclusão que “disperso e desorientado, até 1930, foi, o modernismo pobre em obras definitivas, rico em superficialidades, medíocre nos propósitos iniciais, todavia útil no que toca a renovação de ambiente social e literário”¹¹⁸. Com isso, para o autor, a poesia se renovou totalmente até a mediocrização.

Como exemplos do combate ao modernismo em Campina Grande, temos dois textos publicados na década de 1940 na *Revista Manaíra*, pelos intelectuais campinenses: o advogado Carlos Agra¹¹⁹ e o historiador Epaminondas Câmara. Ambos são enfáticos em suas avaliações negativas quanto as transformações que a arte e a literatura vivenciaram naquele momento.

Carlos Agra traz um longo e profundo ensaio chamado “A Fuga do Belo”, relacionando as transformações das artes, aí incluindo o modernismo, como sendo algo nulo e pejorativo em vários aspectos. Representando o *Centro Campinense de Cultura*, o advogado acredita que:

Como reflexo do declínio da Cultura Ocidental, aparece o desraizamento do homem e em conseqüência o caso da Arte Contemporânea. Nunca mais houve ritmo, poesia e música nas coisas. O sentimento estético do homem se perverteu. A beleza se deformara. A Arte Contemporânea perdeu a sua alma, o espírito que a animava. Desde que o subjetivismo morreu, a arte entrou em decadência. O interiorismo para a Arte é o mesmo que a mística para a religião e para a filosofia. Quando o simbolismo fugiu, ela perdeu a sua força: o mistério, o segredo. Despedida de mistério, tor-

118 Ibidem, p.25.

119 Carlos Agra (1907-?). Advogado. Nascido em Campina Grande, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Recife. Exerceu a função de advogado na terra natal. Chegou a ser promotor público da comarca da cidade. Colabou em diversos jornais e revistas, de João Pessoa e Campina Grande. Foi membro fundador do Centro Campinense de Cultura.

nou-se nua, fria, barbarizada. Num lance de olhos, se percebe, logo, a completa ausência de espiritualidade na Arte Contemporânea. Falta-lhe uma energia, uma paixão, um impulso criador. Falta-lhe a virgindade da idéia, da imagem e da forma. Faltam-lhe originalidade e alma.¹²⁰

Mesmo referindo-se a arte contemporânea, podemos perceber a verdadeira aversão ao experimentalismo por parte de Carlos Agra, ideia bastante difundida por parte dos intelectuais campinenses ao longo do século XX. Com semelhante concepção temos o historiador Epaminondas Câmara¹²¹, em um texto redigido como palestra no almoço do *Rotary Clube de Campina Grande*, no dia 4 de setembro de 1947, mas publicado na *Revista Manaíra*, de 1949, com o título de “O que pensa do mundo de Hoje”, segundo o autor de *Datas Campinenses*:

(...) A decadência artística é bem assim uma outra entristecedora da ancrinalidade mundial. A pintura, a dança, a escultura enfim, as belas artes no sentido em que pretendem modernizá-las, dão-nos uma idéia da degenerescência mental da retrogradação estética da geração presente. O surrealismo, por exemplo, para falarmos apenas numa das hediondas modalidades artísticas, não impressiona os espíritos superiores dos temperamentos equilibrados porque pretextando exprimir um transcendentalismo sem base e sem caracteres es-

120 AGRA, Carlos. A Fuga do Belo. *Revista Manaíra*, João Pessoa, Ano I, nº8, junho de 1940, p.16.

121 Epaminondas Câmara nasceu na cidade de Esperança, Paraíba, em junho de 1900. Veio para Campina Grande em 1920. Técnico de contabilidade, exerceu a profissão de contador no Banco Auxiliar do Povo, empregando as horas vagas em pesquisas sobre a história de Campina Grande, além de atuar de maneira marcante como ideólogo da igreja católica na imprensa paraibana. No jornal *A Imprensa* Epaminondas produziu de forma contínua através de folhetins os seus estudos mais consistentes sobre a História da Campina Grande e do catolicismo na Paraíba. Publicou no periódico *Síntese histórica de Campina Grande* (constituída de 46 folhetins, em 1938), *Evolução social de Campina Grande* (quatro folhetins, em 1941), *Municípios e Freguesias da Paraíba* (em 49 folhetins, em 1946), e *A Evolução do Catolicismo na Paraíba (sem informações)*, quase todos eles estudos que viraram livros na década de 1990, através das edições Caravela.

pecíficos, foge aos anseios e das sutilezas na nossa imaginação para se desvirtuar em representações sem sentido universal, inacessíveis, enigmáticas, que aber-ram do bom senso e reagem contra a lógica e o bom gosto.

Por tudo isto o mundo atual não pensa em questões metafísicas nem no verdadeiro sentido da arte. E em condições tão desnorteadores, resta a humanidade a esperança de uma paz universal afim de poder trabalhar para nutrir os povos. ¹²²

E assim foram outros intelectuais locais, que se sentiram incomodados e intranquilos com as transformações nas formas de produzir arte e literatura, entre elas, aquelas em que o modernismo teve o papel fundamental, como na mudança na forma de fazer poesia, na maneira de conceber ficções. Portanto, concluímos que a ideia de renovação literária em Campina Grande não se deu entre as décadas de 1920 e 1950, de forma contínua, num sentido de ruptura formal e estética, sendo em muitos aspectos isolada, seja como um movimento específico, sem continuidade histórica, como foi entre os anos de 1934 e 1936, seja na ausência de publicações marcantes, que viabilizassem uma renovação paradigmática, como foi em outros estados brasileiros.

122 CÂMARA, Epaminondas. O que pensa do mundo de hoje. *Revista Ma-náira*, Campina Grande, Ano X, nº 63, p.4.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compreendermos como foi ecoada a literatura modernista entre os intelectuais de Campina Grande nas décadas de 1920 e 1930 evidenciamos o alto grau de isolamento desta experiência, cujo processo se deu mais por “resistências” do que por “adesões”. Estas últimas foram fragmentos que se apresentaram principalmente nos primeiros anos da década de 1930.

A ideia, portanto, de compreendermos as repercussões modernistas em Campina Grande enquanto “signos do efêmero” fica ainda mais evidente, pois repassa uma concepção descontínua, sem raízes, não possibilitando um êxito estético no campo literário local. As adesões ao modernismo foram mínimas, o que explica inclusive a sua invisibilidade dentro da própria história e historiografia campinense.

Muitos dos personagens aqui inseridos neste ensaio estão atualmente esquecidos, alguns conseguimos poucas informações sobre suas trajetórias (o que fizeram ou escreveram), - pois suas marcas ficaram praticamente apagadas. Reconstituímos alguns através de pistas captadas em periódicos, como jornais, revistas ou jornais de festa, como ficaram conhecidos os chamados *pasquins*. Aliás, fonte privilegiada desta nossa pesquisa.

É necessário deixar claro que a poesia modernista propriamente dita em Campina Grande só se afirmou, acreditamos, enquanto movimento cultural consciente a partir dos anos 1970, através da experiência da revista *Garatuja*, tendo como protagonistas nomes como José Antônio Assunção, Braúlio Tavares, Marcos Agra, Antônio Carvalho, entre outros, que compuseram uma arte profundamente “antenada” com as vanguardas brasileiras e internacionais, dialogando com diversas linguagens.

Isso não quer dizer, como já vimos ao longo desta narrativa, que antes dos anos 1970 não houve em Campina Grande uma tentativa de transformação e combate a formas consideradas “antigas” de expressão poética e artística. Efêmero ou não, contínuo ou descontinua, Campina Grande teve a sua experiência modernista na literatura, poucos anos depois da Semana de Arte Moderna, algo que consideramos sintomático, em grande parte por ter sido em um momento em que a cidade passava por diversas transformações sociais e culturais.

REFERÊNCIAS

• BIBLIOGRAFIA (LIVROS E ARTIGOS)

1. AGRA, Giscard Farias. *Modernidade aos goles: a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande, 1904 a 1935*. Campina Grande: EDUFCG, 2010.
2. ARAÚJO, Fátima. *Paraíba: Imprensa e vida*. Campina Grande: Grafset, 1986.
3. AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: Os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: UFPB; Recife: UFPE, 1996.
4. BARBOSA FILHO, Hildeberto. *Sanhauá: uma ponte para a modernidade*. João Pessoa: Edições FUNESC, 1989.
5. BRADBURY, Malcolm. As cidades do modernismo. In: BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Org.). *Modernismo: Guia Geral*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.76-88.
6. BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Org.). *Modernismo: Guia Geral*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
7. CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1976.
8. CANDIDO, Gemy. *História crítica da literatura paraibana*. João Pessoa: Governo do Estado, 1983.
9. COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
10. DIAS, Fernando Correia. *O Movimento Modernista em Minas: uma interpretação sociológica*. Brasília: Ebrasa, 1971.

11. INOJOSA, Joaquim. *A Arte Moderna*. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1924.
12. _____. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Tupy, 1969.
13. JAUSS, Hans Robert. Tradição literária e consciência atual da modernidade. In: OLINTO, Heidrum Krieger (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.
14. LEAL, José. *A Imprensa na Paraíba*. João Pessoa: A União, 1962.
15. LEITE, Ascendino. *Estética do Modernismo*. João Pessoa: A Imprensa, 1933.
16. NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. Festejos, folia e saúde – cartografias da festa da Padroeira de Campina Grande – PB. SOUSA, Antonio Clarindo de et alli (org). In: *Cultura e Cidades*. Campina Grande: EDUFPG, 2009, p-55-67.
17. TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
18. VELLOSO, Monica Pimenta. *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
19. _____. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

• REVISTAS

1. DUARTE, Rodrigo Aldeia. Modernidade e tradição nos modernismos do Rio e de São Paulo. *Menme – Revista de Humanidades*. Natal, V.4. Nº7, fev/mar. de 2003, pp. 80-113.
2. GOMES, Ângela de Castro. Essa Gente do Rio... Os intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol.6, Nº11, 1993, p.62-77.

• DISSERTAÇÕES E TESES

1. ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Uma Introdução ao estudo do Modernismo no Rio Grande do Norte*. Dissertação de Mestrado em Letras. Campinas, SP: UNICAMP, 1991.
2. FERREIRA, Monalisa Valente. *Luva de brocado e chita: Modernismo Baiano na revista A Luva*. Dissertação de Mestrado em Letras. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

FONTES

• LIVROS/PLAQUETES

1. ANDRADE, José Lopes de. *Breve Discurso sobre a Sociedade e as Secas do Nordeste*. Campina Grande: O Cruzeiro, 1943.
2. _____. *Introdução a Sociologia das Secas*. Rio de Janeiro: A Noite, 1948.
3. _____. *Introdução a Sociologia das secas*. 2ª Edição. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2010.
4. _____. *Forma e efeito das migrações do Nordeste*. João Pessoa, A União, 1952.
5. _____. *O Homem Marginal do Nordeste*. Rio de Janeiro: A Noite, 1950.
6. _____. *Província, essa esquecida*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1949.
7. BARROS, Tertuliano. *Meio século de Labor. João Pessoa: A União, 1945*.
8. BUARQUE, Murilo. *Filosofia de Judas*. Campina Grande: Livraria Campinense, 1940.
9. CÂMARA, Epaminondas. *Os Alicerces de Campina Grande: Esboço Histórico do Povoado e da Vila*. Campina Grande: Livraria Moderna, 1943.
10. _____. *Datas Campinenses*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1947.
11. _____. *Datas Campinenses*. 2ª edição. Campina Grande: Edições Caravelas, 1998.
12. DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. Volume I e II. João Pessoa: A União, 1993.

13. FILHO, Francisco Maria. *Faço do seu livro o seu melhor amigo. Homenagem a José Pedrosa, o livreiro de Campina*. Campina Grande: Prefeitura Municipal, 2003.
14. Leão, Anézio. *Aulas de Português*. Campina Grande: Edição do Autor, 1958.
15. _____. *Gritos d'alma*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1935.
16. LUNA, Mauro. *Horas de Enlevo*. Campina Grande: Barros & Ramos, 1924.
17. _____. *Horas de Enlevo*. 2ª Edição. Campina Grande: Comissão Cultural do Centenário, 1964.
18. _____. *Horas de Enlevo*. 3ª Edição. Campina Grande: Edições Caravela, 1999.
19. MORAES, Antonio Pereira de. *Vi, ouvi e senti: crônicas da Vida campinense*. Campina Grande: s/editora, 1985.
20. PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o Livro do Passado*. João Pessoa: Teone, 1956.
21. _____. *Abrindo o Livro do Passado*. 2ª edição. Campina Grande: EDUFCEG, 2011.
22. _____. *Dois poetas*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1950.
23. _____. *Mais um mergulho na História campinense*. Campina Grande: Edições Caravela, 2001.
24. _____. *Pedaços da História da Paraíba*. João Pessoa: Teone, 1953.
25. _____. *Pedaços da História de Campina Grande*. Campina Grande, Livraria Pedrosa, 1958.

26. RIBEIRO, Hortensio. *Vultos e Fatos*. João Pessoa: A União, 1979.

• **PERÍODICOS/JORNAIS**

1. *Correio de Campina*, Campina Grande, 1927.
2. *A União*, João Pessoa, 1935.
3. *A Renascença*, Campina Grande, 1915.
4. *O Proêmio*, Campina Grande, 1915.
5. *O Democrata*, Campina Grande, 1916.
6. *O Gabinete*, Campina Grande, 1916-1917.
7. *A Razão*, Campina Grande, 1917-1919.
8. *O Sport*, Campina Grande, 1922.
9. *O Clarão*, Campina Grande, 1922-1923.
10. *Gazeta do Sertão*, 1923-1924.
11. *A Palavra*, Campina Grande, 1925.
12. *O 31*, Campina Grande, 1926.
13. *O Século*, Campina Grande, 1928-1929.
14. *Brasil Novo*, Campina Grande, 1931.
15. *O Comércio de Campina*, Campina Grande, 1932.
16. *Praça de Campina*, Campina Grande, 1934
17. *A Frente*, Campina Grande, 1934.
18. *Flâmula*, Campina Grande, 1934.
19. *A. E. J. Jornal*, Campina Grande, 1934.
20. *A Batalha*, Campina Grande, 1934-1935.
21. *Evolução- Jornal*, Campina Grande, 1934-1936.
22. *A Voz da Mocidade*, Campina Grande, 1936.
23. *O Paulistano*, Campina Grande, 1936.
24. *A Imprensa*, João Pessoa, 1936-1940.
25. *Formação*, Campina Grande, 1936,1940,1953.
26. *Voz da Borborema*, Campina Grande, 1937-1939.
27. *O Rebate*, Campina Grande, 1948-1953.
28. *Correio Campinense*, Campina Grande, 1949.
29. *O Boletim*, Campina Grande, 1949.
30. *O Globo*, Campina Grande, 1952.
31. *Jornal de Campina*, Campina Grande, 1952-1953.
32. *Jornal do Estudante*, Campina Grande, 1953.
33. *O Informador*, Campina Grande, 1953.

• JORNAIS DE FESTA

1. *O Novenário*, Campina Grande, 1919-1922.
2. *O Chicote*, Campina Grande, 1920.
3. *O Dominó*, Campina Grande, 1920.
4. *O Pierrot*, Campina Grande, 1920-1922.
5. *O Ipiranga*, Campina Grande, 1922.
6. *O Bataclan*, Campina Grande, 1923.
7. *O Novenal*, Campina Grande, 1924-1928.
8. *O Pirlampo*, Campina Grande, 1926-1930.
9. *Festa Jornal*, Campina Grande, 1928-1929.
10. *Vésper*, Campina Grande, 1929-1934.
11. *O Papagaio*, Campina Grande, 1929.
12. *O Tufão*, Campina Grande, 1930.
13. *Morena*, Campina Grande, 1932-1933.
14. *Garota*, Campina Grande, 1933.
15. *O Riso*, Campina Grande, 1935.
16. *Fagulha*, Campina Grande, 1936.
17. *Oião*, Campina Grande, 1936-1938.
18. *Vitrine*, Campina Grande, 1937-1939.
19. *O Bisturi*, Campina Grande, 1938.
20. *Sinuca*, Campina Grande, 1940.
21. *A Língua*, Campina Grande, 1947.
22. *Rindo*, Campina Grande, 1949.
23. *A Nora*, Campina Grande, 1951.
24. *O Detetive*, Campina Grande, 1950-1953.
25. *Disco Voador*, Campina Grande, 1953-1956.

• REVISTAS

1. *Revista Campinense*, Campina Grande, 1920.
2. *Era Nova*, Cidade da Parahyba, 1921-1925.
3. *Flores de Junho*, Campina Grande, 1924.
4. *Evolução*, Campina Grande, 1931.
5. *Idade Nova*, Campina Grande, 1938-1940.
6. *Revista Manaíra*, João Pessoa/Campina Grande, 1939-1951.
7. *Correio das Artes*, João Pessoa, 1949-1951.
8. *Revista Arius*, Campina Grande, 1952-1955.

- **ALMANAQUES, ANUÁRIOS E ÁLBUNS INDUSTRIAIS E COMERCIAIS**

1. Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande. Organizado por José B. do Amaral. Campina Grande, PB: Imp. Industrial, 1925.
2. *Anuário de Campina Grande para 1926*. Nº1. Organizado sob a direção de João Mendes. Recife: Jornal do Comércio, 1925.
3. *Almanaque de Campina Grande*. Para o ano de 1933. Publicado sob a direção de Euclides Vilar. Campina Grande: Liv. Campinense, 1932.
4. *Almanaque de Campina Grande*. Para o ano de 1934. Publicado sob a direção de Euclides Vilar. Campina Grande: Liv. Vilar, 1933.
5. *Anuário de Campina*. Dir. Lino Gomes Filho. Campina Grande: s/e, 1950.

UNIDADES PESQUISADAS

- *Acervo Átila Almeida*, Campina Grande, pertencente à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
- *Acervo do Museu Histórico de Campina Grande*, Campina Grande, ligado a Prefeitura Municipal de Campina Grande.
- *Arquivo Público de João Pessoa*, João Pessoa, pertencente à Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC).
- *Arquivo da Cúria Diocesana*, João Pessoa, ligada a Diocese do Estado da Paraíba.
- *Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP)*, localizado em João Pessoa.
- *Biblioteca Municipal Felix Araújo* (Acervo de Obras Raras), Campina Grande, pertencente à Prefeitura Municipal de Campina Grande.

IMPRESSO POR: GLOBALPRINT

FORMATO *16x23 cm*
TIPOLOGIA *Arial*
PAPEL *Offset 80 g/m²*
Nº DE PÁG. *100*

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- EDUFCG

